



**Relatório de Estágio Profissionalizante realizado na
equipa Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD**

Estudos dos comportamentos defensivos na época desportiva 2017/2018

Rogério Ferreira Pereira

Porto, 2018

U. PORTO



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Relatório de Estágio Profissionalizante na equipa Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD

**Estudo dos comportamentos defensivos na época desportiva
2017/2018**

Relatório Final do Estágio Profissional
apresentado à Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto com vista a obtenção do 2º
Ciclo de Estudos correspondente ao grau de
Mestre em Desporto para Crianças e Jovens
ao abrigo do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março

Orientador: Professor Doutor Daniel Barreira

Discente: Rogério Ferreira Pereira

Porto, 2018

Ficha de catalogação

Pereira, R.F. (2018). *Relatório de estágio profissionalizante na equipa de Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD*. Estudo dos comportamentos defensivos na época desportiva 2017/2018. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Desporto para Crianças e Jovens, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, FUTEBOL DE FORMAÇÃO, ANÁLISE DE JOGO, DEFESA

DEDICATÓRIA

Ao meu tio Nelo, que apesar das suas limitações é um grande exemplo de vida...

AGRADECIMENTOS

A realização deste relatório de estágio deveu-se a um ano de trabalho repleto de emoções, quer positivas quer negativas, mas que levo para o resto da minha vida. Para tal, contribuíram vários elementos essenciais desde que nasci e de outros que foram aparecendo no caminho vital, tornando-se assim fundamentais para a pessoa que sou hoje.

Ao Boavista Futebol Clube, pela oportunidade que me concedeu, nomeadamente à estrutura dos Sub 17, principalmente o Luís Merêncio, David Pinto, Francisco Gouveia e André Gomes por todos os momentos de partilha, aprendizagem e transmissão de conhecimentos que me fizeram crescer.

À Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, a minha casa nestes 5 anos e que será para sempre a minha verdade “segunda casa”. Foi onde fiz amizades para a vida, conheci professores fantásticos e vivi momentos muito bons.

À praxe da FCDEF, por ter sido das melhores coisas que me fizeram crescer ao longo destes anos. Com ela ganhei maior autoestima, pude gritar bem alto o nome da faculdade de represento e conhecer pessoas incríveis, nomeadamente os meus padrinhos, Sofia Ferreira e André Rebolo, aos quais agradeço imenso o facto de terem entrado na minha vida e me terem transmitido o amor pela praxe que hoje é tão grande ou maior do que no meu ano de caloiro. À praxe, um obrigado eterno!

Ao Professor Daniel Barreira, pela orientação deste relatório. Por todas as conversas elucidativas, por todos os conselhos e contributos, que me permitiram prosseguir com este trabalho e pelos conhecimentos transmitidos na área do futebol.

Ao Tiago Fernandes, por me ter disponibilizado o seu instrumento de observação e por me ter ajudado imensamente ao longo deste ano, permitindo-me perceber a melhor forma de abordar as situações e transmitindo-me a calma necessária. Foi um verdadeiro gosto em trabalhar contigo.

Aos “Artists” Diogo Rodrigues e Paulo Costa, os meus companheiros de viagem, literalmente. Por todas as discussões, por todos os risos, por todos os momentos que passamos, fora e dentro do contexto académico, sei que tenho aqui dois fiéis companheiros para o resto da minha vida. A eles um grande obrigado!

Aos restantes estudantes da FADEUP, nomeadamente, os meus colegas de Licenciatura e de Mestrado, por me terem acompanhado ao longo destes 5 anos, por todos os momentos de companheirismo e pelas amizades que fui fazendo ao longo deste período de tempo. A eles fico eternamente grato por tudo!

Aos meus irmãos/irmãs que me acompanham desde os tempos que não sabia dar um chuto na bola: à Filipa, à Rita, à Daniela, à Tita e ao Hugo, por terem sido, por serem e porque vão continuar a ser uma parte essencial na minha vida. Por serem o pessoal mais divertido que existe, por todos os momentos, por todas as conversas sérias e por me permitirem ter o melhor grupo de amigos do Mundo, um enorme obrigado!

Aos restantes elementos que se foram juntando a este grupo: à Maria, à Ivânia, ao André, ao Mota, ao Hélder e ao David, obrigado por estarem comigo e por se terem juntado à minha vida, sabendo que de mim podem contar para tudo, porque eu sei que posso contar com vocês. Obrigado pela vossa amizade!

À Bia. Foste uma pessoa que apareceu na parte final deste meu trajeto, mas que te tornaste numa das pessoas mais importantes na minha vida. Apesar do pouco tempo que estamos juntos, tivemos todo o tipo de conversas e delas retiro sempre um pouco que permite evoluir como pessoa. Obrigado, pelas conversas que temos todos os dias, pelo teu apoio, pelo teu amor. Obrigado por tudo!

Aos meus padrinhos, José e Maria José, por todo o apoio e carinho prestados desde o dia que nasci e por todos os momentos que me proporcionaram.

Ao meu avô Zé, à minha avó Lalinha, à minha tia Daniela, ao meu tio Rafael e ao Pedro. Obrigado por acompanharem o meu crescimento desde que eu nasci e por serem uma parte da minha família que é fundamental. O vosso amor e apoio sempre foi, é e será importante na minha vida.

À minha avó Fernanda e ao meu avô Mário. Desde que nasci que vocês me criaram e me transmitiram grandes valores da vida. Por todos os momentos que passei e onde vocês estiveram sempre lá. A vossa educação fez de mim um homem. Sou um neto babado. Obrigado por tudo!

Aos meus pais. Por serem o pilar desta pessoa que fez este trabalho. Por me terem feito crescer, por me darem na cabeça sempre que foi preciso. Por toda a educação, por todo o apoio, por tudo, a vocês devo tudo. Muito Obrigado!

E finalmente, ao meu tio Nelo. Uma pessoa muito especial. Apesar das suas limitações é uma pessoa dotada de uma humanidade fora do normal. Um “menino” do qual nutro um amor e carinho enorme. Um ser humano incrível e que esteve presente em todos os momentos da minha vida. A ti meu querido Nelo e um grande e eterno obrigado!

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	V
AGRADECIMENTOS	VII
ÍNDICE GERAL	XI
ÍNDICE DE FIGURAS	XIV
ÍNDICE DE QUADROS	XV
ÍNDICE DE ANEXOS	XVI
LISTA DE ABREVIATURAS	XVII
RESUMO	XXI
ABSTRACT	XXIII
CAPÍTULO I	1
INTRODUÇÃO	1
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	2
1.2. OBJETIVOS E EXPECTATIVAS SOBRE O ESTÁGIO	4
1.3. ESTRUTURA DO RELATÓRIO	4
CAPÍTULO II	7
ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA	7
2.1. CONTEXTO DE CLUBE	8
2.1.1. Caracterização da instituição de estágio	8
2.1.2. Departamento de Futebol Formação	9

2.2. CONTEXTO DE NATUREZA FUNCIONAL	12
2.2.1. Caracterização do contexto da prática	12
2.2.2. Caracterização e funcionamento da equipa técnica	14
2.2.3. Caracterização do plantel Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD	15
2.2.4. Caracterização dos dirigentes e médico	19
2.2.5. Caracterização da competição	19
2.2.5.1. Campeonato Nacional de Juniores B	19
2.2.6. Objetivos	20
2.2.6.1. Objetivos de Competição	20
2.2.6.2. Objetivos de Formação	20
2.2.6.3. Objetivos de Preparação	21
2.2.7. Limitações Funcionais e Logísticos	21
2.3. MACRO CONTEXTO DE NATUREZA CONCETUAL	23
2.3.1. Futebol de Formação	23
2.3.1.1. Conceito de Formação (Desportiva)	23
2.3.1.2. Importância do Futebol de Formação	24
2.3.1.3. O Treinador de Formação	27
2.3.2. Análise de Jogo	29
2.3.2.1. Análise de Jogo em Futebol	32
CAPÍTULO III	35
REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	35
3.1. MODELO DE JOGO	36
3.1.1. Modelo de jogo dos Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD	37
3.1.1.1. Organização Ofensiva	39
3.1.1.2. Transição Ofensiva	40
3.1.1.3. Organização Defensiva	41
3.1.1.4. Transição Defensiva	42
3.1.1.5. Esquemas Táticos Ofensivos	43
3.1.1.6. Esquema Táticos Defensivos	46

3.2. ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO: ANÁLISE DOS COMPORTAMENTOS DEFENSIVOS DA EQUIPA SUB-17 DO BOAVISTA FUTEBOL CLUBE, SAD
49

3.2.1. Introdução 49

3.2.2. Métodos 50

3.2.2.1. Amostra 50

3.2.2.2. Instrumento e análise de dados 51

3.2.3. Resultados 52

3.2.3.1. Análise dos Resultados 60

3.2.4. Discussão 62

3.2.5. Conclusões 64

CAPÍTULO IV 65

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL 65

CAPÍTULO V 71

CONCLUSÃO 71

CAPÍTULO VI 75

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 75

CAPÍTULO VII 83

ANEXOS 83

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Evolução do símbolo do Boavista Futebol Clube, SAD

Figura 2 – Organograma do Departamento de Formação do Boavista Futebol Clube, SAD

Figura 3 – Parque Desportivo de Ramalde (INATEL)

Figura 4 – Campo de Treinos do Bessa

Figura 5 – Organograma da Equipa Técnica dos Sub 17 do Boavista Futebol Clube, SAD

Figura 6 – Canto Ofensivo Lado Esquerdo

Figura 7 – Canto Ofensivo Estudado Lado Direito

Figura 8 – Livre Ofensivo Padrão

Figura 9 – Livre Ofensivo Estudado

Figura 10 – Canto Defensivo

Figura 11 – Livre Defensivo

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização do plantel Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD no início da época desportiva 2017/2018

Quadro 2 - Caracterização do plantel Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD no final da época desportiva 2017/2018

Quadro 3 – Análise Sequencial dos Comportamentos Defensivos a nível geral e em relação à qualidade do adversário dos Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD

Quadro 4 – Jogos Analisados

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A: Classificação final da 1ª fase do Campeonato Nacional de Juniores B 2017/2018, Série B

Anexo B: Classificação final da 2ª fase do Campeonato Nacional de Juniores B 2017/2018, Zona Norte

Anexo C: Manual do instrumento SOC-DEF (Soccer Defence)

LISTA DE ABREVIATURAS

AV - Avançado

B2 – Localização da bola no corredor central e setor ultradefensivo

B4 - Localização da bola no corredor esquerdo, setor defensivo e médio defensivo

B5 – Localização da bola no corredor central e setor defensivo

B6 – Localização da bola no central e setor médio defensivo

B7 – Localização da bola no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo

BFC – Boavista Futebol Clube

D2 - Localização do 1º defesa no corredor central e setor ultradefensivo

D4 - Localização do 1º defesa no corredor esquerdo setor defensivo e médio defensivo

D5 - Localização do 1º defesa no corredor central e setor defensivo

D6 - Localização do 1º defesa no corredor central e setor médio defensivo

D7 - Localização do 1º defesa no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo

D9 - Localização do 1º defesa no corredor central e setor médio ofensivo

DC – Defesa Central

DDcp - Contenção de Pressão

DDmh - Marcação ao homem do portador da bola efetuado pelo 1º Defesa

DDtr - Tentativa de recuperação da bola efetuado pelo 1º defesa

Dlcb – Cobertura efetuada pelo 2º defesa

Dlcz - Cobertura zonal com marcação ao homem efetuada pelo 2º Defesa

Dlel - Fechar espaços longitudinais efetuado pelo 2º Defesa

Dlmh - Marcação ao homem do portador da bola efetuado pelo 2º Defesa

Dltr - Tentativa de recuperação da bola efetuado pelo 2º defesa

DTcz - Cobertura zonal com marcação ao homem efetuada pelo 3º Defesa

DTel - Fechar espaços longitudinais efetuado pelo 3º Defesa

DTmh - Marcação ao homem do portador da bola efetuado pelo 3º Defesa

EXT – Extremo

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

FC – Futebol Clube

Feda - Final da fase defensiva por Duelo aéreo/Cabeceamento

FEds - Final da fase defensiva por Desarme

FEds*Tf – Final da fase defensiva por Desarme frente a adversários de qualidade de nível 4

FEds*Tth – Final da fase defensiva por Desarme frente a adversários de qualidade de nível 3

FEep - Final da fase defensiva por Erro do portador da bola

FEep*Tth – Final da fase defensiva por Erro do portador da bola frente a adversários de qualidade de nível 3

FEi - Final da fase defensiva por Interceção

FEi*Tf – Final da fase defensiva por Interceção frente a adversários de qualidade de nível 4

FEil - Final da fase defensiva por Infração às leis

FEil*Tf – Final da fase defensiva por infração às leis por infração às leis frente a adversários de qualidade de nível 4

FEil*Tth – Final da fase defensiva por infração às leis frente a adversários de qualidade de nível 3

FEtg - Final da fase defensiva por Técnica do Guarda-redes

Flrf - Final da fase defensiva por Remate desenquadrado com à baliza

GSEQ – Generalized Sequential Querier

I2 - Localização do 2º defesa no corredor central e setor ultradefensivo

I4 - Localização do 2º defesa no corredor esquerdo, setor defensivo e médio defensivo

I5 - Localização do 2º defesa no corredor central e setor defensivo

I6 - Localização do 2º defesa no corredor central e setor médio defensivo

I9 - Localização do 2º defesa no corredor central e setor médio ofensivo

I10 - Localização do 2º defesa no corredor central e setor ofensivo

MD – Médio Defensivo

MO – Médio Ofensivo

LAT – Lateral

Pa – Superioridade numérica absoluta

Pr – Superioridade numérica relativa

Pi – Igualdade numérica com pressão da equipa adversária

SAD – Sociedade Anónima Desportiva

SDIS – Sequential Data

SPa – Inferioridade numérica absoluta

SPi – Igualdade numérica sem pressão da equipa adversária

SPr – Inferioridade numérica relativa

T2 - Localização do 3º defesa no corredor central e setor ultradefensivo

T5 - Localização do 3º defesa no corredor central e setor defensivo

T6 - Localização do 3º defesa no corredor central e setor médio defensivo

T7 – Localização do 3º defesa no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo

T9 - Localização do 3º defesa no corredor central e setor médio ofensivo

Tf – Qualidade de adversário de nível 4

To – Qualidade de adversário de nível 1

TSaa – Subfase de atrasar o ataque

TSce – Subfase de controlar o espaço

Tt – Qualidade de adversário de nível 2

Tth – Qualidade do adversário de nível 3

RESUMO

O presente relatório de estágio surge no âmbito do 2ª Ciclo de Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, tendo sido realizado nos Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD, durante a época desportiva 2017/2018.

Um dos principais objetivos deste estágio centrava-se no meu crescimento enquanto treinador de futebol. Sendo este o meu segundo ano em Futebol 11, procurei adquirir novos conhecimentos técnico-táticos do jogo de Futebol. Como tal, adquirei as funções de treinador estagiário dos Sub-17 do BFC, SAD, sendo que as minhas funções foram, nomeadamente, ajudar no processo de treino, dar o aquecimento nos treinos e nos jogos em conjunto com um dos adjuntos e filmar os jogos da equipa. Outro dos objetivos focava-se no aumento da minha experiência e competência ao nível da análise de jogo. Como tal, foi realizado um estudo onde se analisou os comportamentos defensivos dos Sub 17 do Boavista Futebol Clube, SAD, em 9 jogos do Campeonato Nacional de Juniores B, sendo que 4 deles correspondiam à primeira fase da mesma competição e os outros 5 à segunda fase.

O objetivo do estudo consistiu em identificar comportamentos padrão na equipa e diferenças de comportamento de acordo com a qualidade do adversário. Verificou que os comportamentos padrão existentes foram os de marcação ao homem e fecho dos espaços longitudinais, sendo que os tipos de adversários com comportamentos mais significativos foram os de maior dificuldade, ou seja, Tth e Tf.

Tratou-se somente do segundo estudo realizado com este o instrumento SOC-DEF, pelo que mais trabalhos deverão ser desenvolvidos com o mesmo.

Palavras-Chave: FUTEBOL; FUTEBOL DE FORMAÇÃO; ANÁLISE DE JOGO; DEFESA

ABSTRACT

This internship report is presented in the scope of the 2nd Masters Cycle in Sports for Children and Young People, of the Faculty of Sports of the University of Porto, and was held in the U17 team of Boavista Futebol Clube, SAD, during the 2017/2018 sports season.

One of the main objectives of this was centered on my growth as a football coach. This being my second year in Football 11, i tried to acquire new technical-tactical knowledge of the Football game. As such, I was the trainee coach in the UFC, SAD U17, and my job was to assist in the training process, to warm up the players in training and games together with one of the second coaches and to film the team games. One other goal was to increase my experience and competence in game analysis. As such, a study was carried out to analyze the defensive behaviors of the Boavista Futebol Clube, SAD U17 team in 9 games of the National Championship of Under 17, 4 of which corresponded to the first phase of the same competition and the other 5 to the second phase.

The objective of the study was to identify standard behaviors in the team and differences in behavior according to the quality of the opponent. He verified that the standard behaviors were the ones of marking to the man and closing of the longitudinal spaces, being that the types of opponents with more significant behaviors were those of greater difficulty, that is, Tth and Tf.

It was only the second study carried out with the SOC-DEF instrument, therefore more work should be developed with it.

Key words: FOOTBALL; YOUTH FOOTBALL; GAME ANLALYSIS; DEFENCE

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1. Introdução

1.1. Contextualização da prática profissional

O presente relatório foi realizado no âmbito do último ano do 2º ciclo de Desporto para Crianças e Jovens da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, com vista à obtenção do grau de Mestre em Desporto para Crianças e Jovens, e por consequência possibilita o acesso à cédula de treinador de futebol de grau II.

O estágio teve o seu início a 17 de julho de 2017 e terminou a 4 de maio de 2018 tendo-se desenrolado no Boavista Futebol Clube (BFC), no escalão de Sub-17, equipa que competiu no Campeonato Nacional de Juniores B 2017/2018. Foi-me atribuída a posição de treinador estagiário, cujas funções foram realizar o aquecimento dos jogadores nos treinos e nos jogos em conjunto com um dos outros treinadores adjuntos, e filmar e analisar os jogos da equipa.

Apesar do nível de autonomia que me foi concedido ter sido relativamente reduzido numa equipa técnica que se encontrava junta desde a época 2016/2017, foi-me inculcida liberdade para expressar opiniões sobre o processo de treino, instruir os jogadores quando necessário e reunir com a equipa técnica nos intervalos dos jogos para discutir aspetos sobre o jogo a decorrer, contribuindo para um maior enriquecimento da época de estágio.

A escolha do local de estágio deveu-se ao facto de o Boavista Futebol Clube estar localizado na minha área de residência e por ser um dos maiores clubes a nível nacional, sendo reconhecido pelo seu trabalho a nível da formação de grandes jogadores no futebol Português, como Bruno Fernandes, André Gomes, João Pinto, Nuno Gomes, entre outros, e pela possibilidade de me poder num escalão e nível bastante competitivos. Tratou-se, portanto, de uma oportunidade para aprender enquanto treinador e pessoa, desenvolvendo conhecimentos sobre o treino, gestão de equipas de formação, e procedimentos de análise de jogo, áreas que considero fundamentais no futebol.

Segundo Castelo (1996), o futebol da atualidade é, indiscutivelmente, a modalidade desportiva com um maior impacto na sociedade, como resultado da sua popularidade e universalidade. Este desporto tem uma linguagem universal

forte, não se tratando, neste caso, de palavras, mas, particularmente, de realizar ações, a nível prático (Tamboer, 2016) .

Para Sérgio (2012), o futebol, quer no treino, quer na competição, importa-se em criar ações instituintes de uma vitória, sobre o adversário e nós mesmos, ideia que corrobora Garganta (2004), que refere que o futebol não se trata somente de uma exigência funcional, mas igualmente de um imperativo ético e moral.

O processo de treino sofreu alterações ao longo dos anos, tendo os treinos melhorado a sua qualidade devido à introdução de novas ferramentas no futebol. Uma das vertentes que tem tido um grande desenvolvimento e que tem ajudado vários treinadores é a análise de jogo. Esta ferramenta tem evoluído consideravelmente devido a novos instrumentos e métodos de observação que, para Sánchez (2015), tem auxiliado a melhoria do rendimento das equipas de Futebol. Assim, os analistas de jogo têm-se revelado uma peça importante no futebol profissional permitindo transformar o treino e melhorar ou consolidar ideias ligadas ao modelo de jogo, sendo que este aspeto se revela, igualmente preponderante no contexto de formação.

Nesse sentido, para melhorar o desempenho das equipas em treino e em jogo, decidiu-se realizar um estudo de investigação, ferramenta que permitiu melhorar a intervenção no treino. O estudo realizou-se através do instrumento de observação SOC-DEF (Fernandes, 2017) e da plataforma LINCE (Gabin et al., 2012) . O instrumento de observação contempla um conjunto de critérios e categorias para a observação da análise da fase defensiva em Futebol.

A escolha recaiu sobre o processo defensivo, porque durante o início da época foram visíveis as dificuldades de alguns em adotar certos comportamentos ao nível defensivo. Por isso recorreu-se ao instrumento de observação para melhorar o rendimento dos jogadores nesse aspeto do jogo. Outro motivo pelo qual foi escolhido o processo defensivo deveu-se ao facto de que a noção estética do jogo de Futebol reduz-se, muitas das vezes ao ataque, deste modo ignorando a defesa. Para Tamarit (2013) , há que entender a estética da defesa deve ser olhada do ponto de vista coletivo e não do ponto de vista individual, daí a escolha para este estudo.

1.2. Objetivos e Expectativas sobre o estágio

Neste estágio pretendeu-se desenvolver as minhas capacidades humanas, técnicas e táticas no papel de treinador adjunto, sendo que esta foi a minha primeira experiência em contexto de Campeonato Nacional. Por isso, os principais objetivos e expectativas estabelecidos para este estágio foram:

- Desenvolver conhecimento relacionado com as componentes táticas e técnicas dos jogadores desenvolvidas em treino e em jogo;
- Refletir e intervir no processo de treino, melhorando a proatividade;
- Desenvolver competências de relacionamento com os diferentes elementos relacionados com o trabalho da equipa;
- Ganhar experiência e competência ao nível da análise do treino e do jogo;
- Conhecer a realidade do contexto de Campeonato Nacional;
- Perceber a identidade do Boavista Futebol Clube;

1.3. Estrutura do Relatório

Seguiram-se as diretrizes do documento “Normas e orientações para a redação e apresentação de dissertações e relatórios”, facultado pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP, 2009),.

O relatório de estágio encontra-se dividido em sete capítulos.

O primeiro capítulo é constituído pela “Introdução”, que contém uma contextualização da prática profissional através da reflexão sobre o que é o estágio e os objetivos e expectativas relativamente ao mesmo.

O segundo capítulo reporta “Enquadramento da Prática”. Constitui-se por três partes: (i) contexto do clube; (ii) contexto de natureza funcional; (iii) macro contexto de natureza concetual, que conterà uma revisão de literatura acerca do processo defensivo em futebol.

O terceiro capítulo é reservado à “Realização da Prática Profissional”, no qual são referidos o modelo de jogo da equipa, exercícios de treino relacionados com a forma como a equipa defende e o estudo de investigação.

No quarto capítulo refere-se o “Desenvolvimento Profissional”, em que é realizada uma autorreflexão sobre a realização do estágio.

O capítulo V apresenta a “Conclusão”, onde se aborda o que mais marcou neste estágio e as perspectivas para o futuro

O sexto capítulo contém as “Referências Bibliográficas”, ou seja, toda a bibliografia consultada para a realização do relatório.

Por último, o sétimo capítulo está reservado aos “Anexos”.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA

2. Enquadramento da prática

2.1. Contexto de clube

2.1.1. Caracterização da instituição de estágio

O Boavista Futebol Clube foi fundado a 1 de agosto de 1903, contando neste momento com 104 anos de história, tendo como alcunha os “Axadrezados”. O presidente da instituição é o Doutor João Loureiro e a sede do Boavista FC situa-se no Estádio do Bessa Séc. XXI, no Porto, mais concretamente, na freguesia de Ramalde. O Boavista Futebol Clube é, concomitantemente, um dos maiores clubes da cidade do Porto e a nível nacional, sendo igualmente um clube eclético, trabalhando em prol do desporto desde a sua nascença, contando com outras modalidades como futsal, boxe, ciclismo, voleibol, kickboxing, atletismo e boccia. O equipamento principal do BFC é constituído por uma camisola preta e branca axadrezada, calções pretos e meias pretas. Na figura 1, que se encontra abaixo, é possível visualizar a evolução do símbolo do clube.



Figura 1 - Evolução do símbolo do Boavista Futebol Clube, SAD

No futebol sénior, o clube conquistou 1 Campeonato do Porto em 1914, 2 Campeonatos da 2ª Divisão em 1937 e 1950, 3 Supertaças Cândido de Oliveira em 1979, 1992 e 1997, 5 Taças de Portugal em 1975, 1976, 1979, 1992 e 1997, e, finalmente, a 1ª Liga Portuguesa em 2001, que correspondeu ao momento áureo do historial deste grande clube que tanto dá ao Desporto Nacional. Conta também com várias presenças nas competições europeias, mais concretamente a Liga dos Campeões, a Taça UEFA e a extinta Taça das Taças.

Como treinador estagiário numa equipa da formação da SAD do clube, sendo no caso da minha pessoa na equipa de Sub-17, importa caracterizar, de igual forma, a instituição relativamente às suas camadas jovens.

2.1.2. Departamento de Futebol Formação

Atualmente, o Boavista Futebol Clube, relativamente ao seu departamento de formação, encontra-se dividido em duas vertentes: Boavista Futebol Clube, que diz respeito ao clube em si, e Boavista Futebol Clube – Futebol, SAD, gerido pela Sociedade Anónima Desportiva. Ao futebol do clube fazem parte as equipas da “Academia Jaime Garcia” até ao escalão de Sub-13. Ao futebol gerido pela SAD fazem parte as equipas de Sub-14 até aos Sub-19, no que à formação diz respeito, tendo as equipas de Sub-15, Sub-17 e Sub-19 na época 2017/2018, disputado o Campeonato Nacional dos respetivos escalões.

O Boavista Futebol Clube conta com bastantes presenças em Campeonatos Nacionais ao nível do futebol de formação alcançando várias vezes as fases finais dos campeonatos dos respetivos escalões em que já se sagraram campeões, a nível nacional:

- ✓ Em 1991 e 1994, no escalão de Infantis, correspondente aos atuais Sub-13;
- ✓ Em 1988, 1991, 1995 no escalão de Iniciados, os atuais Sub-15;
- ✓ Em 2000, no escalão Juvenis, correspondente aos atuais Sub-17;
- ✓ Em 1995, 1997, 1999, 2003 no escalão de Juniores, os atuais Sub-19;
- ✓ Em 2014 e 2017 na 2ª Divisão Nacional de Sub-19

Para além dos títulos conseguidos, ao longo da sua história o BFC conseguiu elevar jogadores para patamares de topo, quer no futebol nacional quer internacional. Por exemplo, João Vieira Pinto, Nuno Gomes, Pedro Emanuel, Bosingwa, Ricardo Costa, Raúl Meireles, André Gomes e Bruno Fernandes são jogadores que passaram pela formação do clube, demonstrando

que a mesma possui competência para permitir que os jogadores atinjam níveis altos no futebol nacional e internacional.

Em baixo coloca-se o organograma do Departamento de Formação do Boavista Futebol Clube – Futebol, SAD, visto que o estágio foi realizado neste departamento:

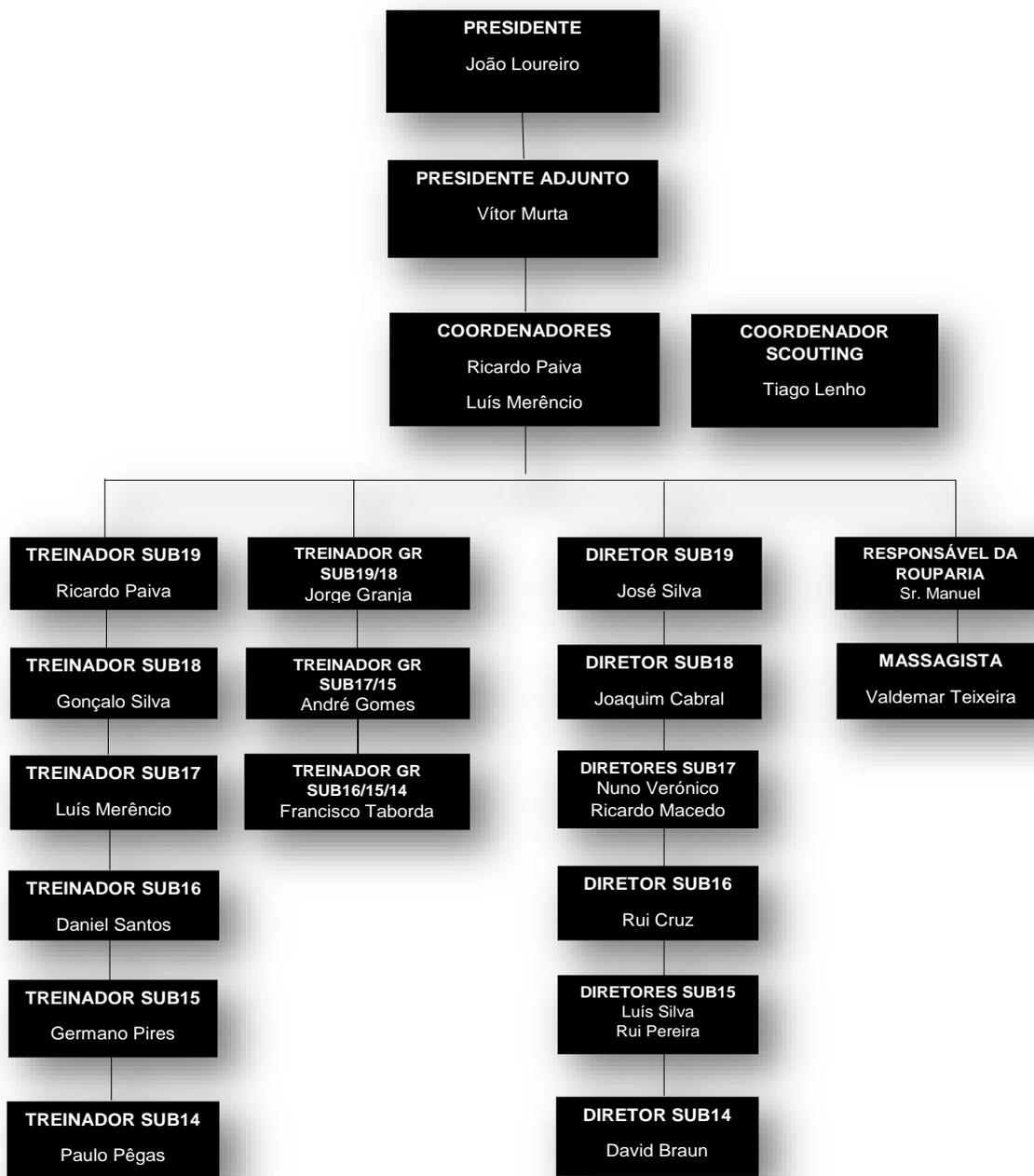


Figura 2 - Organograma do Departamento de Futebol de Formação do Boavista Futebol Clube, SAD

2.2. Contexto de Natureza Funcional

2.2.1. Caracterização do contexto da prática

O estágio iniciou-se a 17 de julho de 2017. Ao longo do período preparatório da época desportiva os treinos foram realizados de segunda-feira a sexta-feira da parte da manhã ou de tarde no Parque Desportivo de Ramalde (INATEL), sendo que dispúnhamos de campo inteiro. Aos sábados e/ou aos domingos realizavam-se jogos-treino com equipas do escalão de Sub-17 de séries diferentes àquela em que a nossa equipa se encontrava na 1ª Fase do campeonato, que teve início a 20 de agosto de 2017.

O regime de treinos estendeu-se até meio de setembro, altura em que os jogadores iniciaram o período de aulas. A partir daí os treinos passaram a ser realizados às segundas e quartas-feiras no Campo de Treinos do Bessa, situado atrás de uma das bancadas do Estádio do Bessa Século XXI, e às terças e sextas-feiras no INATEL. Estes treinos foram realizados em meio-campo e tinham início entre as 19h e as 20h, sendo a sua duração de 1h a 1h30. Os jogos correspondentes ao Campeonato Nacional de Juniores B, realizaram-se no INATEL, sendo que o jogo relativo à 6ª Jornada da primeira fase, frente ao Padroense Futebol Clube, teve de ser realizado no Complexo do Grupo Desportivo de Águas Santas, na Maia, uma vez que nesse fim-de-semana o INATEL encontrava-se ocupado com outros jogos.



Figura 3 - Parque Desportivo de Ramalde (INATEL)



Figura 4 – Campo de Treinos do Bessa

O plantel da equipa foi sendo alterado ao longo da época com a entrada e saída de jogadores, sendo que os que não eram primeiras opções para a equipa técnica, por não acrescentarem o que se pretendia ao treino e ao jogo, passaram a treinar e a jogar pela equipa de Sub-18 do clube. Outros jogadores saíram do clube por vontade própria, sendo que a sua escolha surge por quererem jogar com mais frequência.

Em várias alturas da época, os treinos contaram com a presença de atletas do escalão de Sub-16 do clube. Com estas chamadas para treinar, em alguns jogos houve atletas de Sub-16 que foram convocados para os jogos dos Sub-17 referentes ao Campeonato Nacional de Juvenis B. Mesmo ficando fora dos 18 que iriam para a ficha de jogo, os jogadores poderiam adquirir a experiência para no ano seguinte estarem melhor preparados para um contexto de Campeonato Nacional. Para além disso, nos meses de fevereiro e março, oito jogadores da equipa de Sub-17 do BFC foram convocados para a seleção de Futebol da Associação de Futebol do Porto, participando em treinos às quartas-feiras. A ausência desses atletas fez com que durante esse período, a equipa técnica dos Sub-17 do BFC fosse obrigada a chamar jogadores Sub-16 para colmatar as ausências dos atletas convocados para a seleção distrital.

É de referir, igualmente, que treinos contavam com a presença de jogadores vindos da República Dominicana. Estes atletas raramente eram convocados para os jogos como os atletas de Sub-16, contudo eram presença mais assídua nos treinos. Esta dinâmica serviu para esses jogadores incrementarem o seu ritmo competitivo e para o BFC aumentar as suas relações internacionais e trazer novos jogadores para o clube.

O estágio nos Sub-17 do BFC teve a sua conclusão no 4 de maio de 2018, altura que os jogadores passaram a treinar com a equipa de Sub-18 com vista à participação na Taça Acácio Lello da Associação de Futebol do Porto, de modo a manterem o ritmo competitivo até ao final dos trabalhos, no fim do mês de junho.

2.2.2. Caracterização e funcionamento da equipa técnica

A equipa técnica dos Sub-17 do BFC para a época 2017/2018, foi constituída por um treinador principal, dois treinadores adjuntos (sendo que um deles já acompanha o treinador principal desde a época desportiva 2015/2016, e o outro desempenhava, também, as funções de treinador estagiário de nível II, mas já com um ano de experiência com o treinador principal), um treinador de guarda-redes e um treinador estagiário, na minha pessoa.

Relativamente ao funcionamento da equipa técnica, o treinador principal era o responsável pela forma como o treino era gerido, cabendo a ele a última decisão sobre o que iria ser trabalhado em cada sessão. Em relação aos dois treinadores adjuntos, de referir que o 2º treinador adjunto era o responsável pela preparação física dos atletas durante o período preparatório da época e pela parte inicial de cada treino que correspondia ao aquecimento; o outro adjunto, ou seja, o adjunto principal, ficava com a responsabilidade de elaborar exercícios de treino para posterior alteração pelo treinador principal. Esta função também era desempenhada pelo 2º treinador adjunto, sendo que no período preparatório, as propostas de treino eram feitas em conjunto com a restante equipa técnica.

O treinador de guarda-redes, tinha como função preparar os nossos guarda-redes para a ideia de jogo pretendida. Finalmente, em relação ao treinador estagiário, este ficou responsável por ajudar o 2º treinador adjunto nas suas funções, assim como intervir sempre que necessário nos exercícios de treino. Outras das suas funções acumuladas passaram por reabilitar os jogadores lesionado, fazer uma ativação aos jogadores antes do início do treino, função esta que lhe foi inculcida na 2ª metade da época. Realizar o aquecimento de jogo em conjunto com o 2º adjunto, preparar e supervisionar o trabalho de força no final de treinos que o treinador principal considerasse oportunos, filmar e analisar os jogos da equipa, fora e em casa, e, igualmente, desempenhar as tarefas como observador de jogadores adversários de escalões inferiores que pudessem integrar as equipas futuras do BFC.

No que concerne ao planeamento dos treinos, este era feito no início da semana por toda a equipa técnica, incluindo o treinador estagiário, sendo que estas reuniões eram realizadas no Estádio do Bessa. Posteriormente, e

aquando do início das aulas, estas reuniões deixaram de se realizar. Por isso, o planeamento do treino ficava a cabo dos dois treinadores adjuntos, sendo que apresentavam as suas propostas antes da hora do treino. O treinador estagiário dava a sua opinião, contudo a decisão final ficava sempre a cabo do treinador principal, que era o responsável principal pela operacionalização do treino. Nos intervalos dos jogos do Campeonato Nacional de Juvenis B, a equipa técnica reunia-se para discutir sobre aspetos do jogo a decorrer que podiam ser melhorados. Estando o treinador estagiário, na minha pessoa, a filmar o jogo foi possível ter uma visão mais aberta do jogo e contribuir melhor para essa discussão.

Abaixo segue o organograma da equipa técnica dos Sub-17 do BFC:

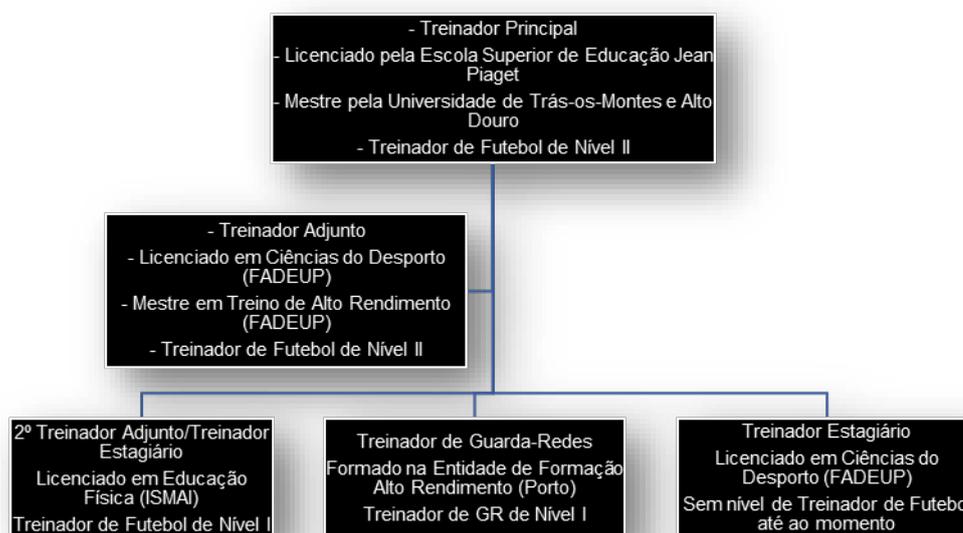


Figura 5 - Organograma da equipa técnica dos Sub-17 do Boavista Futebol Clube

2.2.3. Caracterização do plantel Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD

Relativamente ao plantel, tal como foi dito anteriormente este foi sofrendo alterações ao longo da época. A época iniciou-se com 25 jogadores, contando com a integração, em algumas semanas de trabalho, de elementos da equipa de Sub 16 e de atletas provindos da República Dominicana. Como tal não irei colocar esses atletas nos quadros seguintes. O primeiro quadro refere-se aos

jogadores que iniciaram a época desportiva, sendo que o segundo diz respeito ao plantel que finalizou a época.

A média de altura dos Sub-17 do BFC, no início da época, foi de $1,75\pm 0,05\text{m}$, enquanto que a média de peso situou-se nos $66,04\pm 6,81\text{kg}$. Relativamente à média de altura da equipa no final da época, esta foi de $1,77\pm 0,05\text{m}$, ao passo que a média de peso ficou nos $67,9\pm 5,99\text{kg}$.

Quadro 1 - Caracterização do plantel Sub-17 do Boavista Futebol Clube no início da época 2017/2018

JOGADOR	PÉ PREFERIDO	POSIÇÃO	OUTRAS POSIÇÕES*
1	Direito	GR	-
2	Direito	GR	-
3	Esquerdo	GR	-
4	Direito	DC	LAT
5	Direito	DC	-
6	Direito	DC	-
7	Direito	LAT	-
8	Direito	LAT	-
9	Esquerdo	LAT	-
10	Esquerdo	LAT	-
11	Direito	MD	-
12	Direito	MD	-
13	Direito	MD	-
14	Direito	MD	MO

15	Direito	MO	-
16	Direito	MO	-
17	Direito	EXT	AV/MO
18	Esquerdo	EXT	LAT/MO
19	Esquerdo	EXT	LAT
20	Direito	EXT	-
21	Direito	EXT	-
22	Direito	EXT	-
23	Direito	AV	EXT/MO
24	Direito	AV	-
25	Direito	AV	-

*

- GR – Guarda-Redes
- DC – Defesa Central
- LAT – Defesa Lateral
- MD – Médio Defensivo
- MO – Médio Ofensivo
- EXT – Ala/Extremo
- AV – Avançado

Quadro 2 - Caracterização do plantel Sub-17 do Boavista Futebol Clube no final da época 2017/2018

JOGADOR	PÉ PREFERIDO	POSIÇÃO	OUTRAS POSIÇÕES
1	Direito	GR	-
2	Direito	GR	-
3	Direito	DC	LAT
4	Direito	DC	-
5	Direito	DC	-
6	Direito	LAT	-
7	Direito	LAT	-
8	Esquerdo	LAT	-
9	Esquerdo	LAT	-
10	Direito	MD	-
11	Direito	MD	-
12	Direito	MD	-
13	Direito	MD	MO
14	Direito	MO	-
15	Direito	MO	-
16	Esquerdo	EXT	LAT
17	Direito	EXT	-
18	Direito	EXT	-
19	Direito	EXT	-
20	Direito	AV	EXT/MO
21	Direito	AV	-

22	Direito	AV	-
----	---------	----	---

2.2.4. Caracterização dos dirigentes e médico

Em relação aos restantes elementos que fizeram parte da equipa de Sub-17 do BFC, colaboraram dois diretores, responsáveis por todas as questões de logística da equipa, tais como levar material e equipamentos para os treinos e jogos e fazer as fichas de jogo. O médico conta já com vários anos de serviço ao clube, estando apenas presente nos jogos da equipa.

2.2.5. Caracterização da competição

2.2.5.1. Campeonato Nacional de Juniores B

Os Sub 17 do BFC, na época 2017/2018, participaram no Campeonato Nacional de Juniores B, que constitui a principal competição nacional do escalão de Juvenis de Portugal.

O Campeonato iniciou-se com a 1ª fase, que foi distribuída por séries de 12 equipas, com apenas uma volta. Em cada série, os quatro primeiros classificados passaram para a 2ª fase, enquanto que os restantes disputariam um campeonato de manutenção com as mesmas equipas das suas séries, iniciando com metade dos pontos acumulados na 1ª fase.

O BFC classificou-se para 2ª fase em 2º lugar da Série B, com oito vitórias, um empate e duas derrotas, perfazendo um total de 25 pontos, com 26 golos marcados e 7 sofridos. A 2ª fase foi constituída por duas séries (Norte e Sul) de 8 equipas, sendo que uma das séries foi formada pelos quatro primeiros classificados das séries A e B (da 1ª fase), e a outra série era constituída pelos melhores quatro das séries C e D. Esta fase foi disputada a 2 voltas, sendo que o BFC não conseguiu alcançar o objetivo de chegar à 3ª fase, correspondente ao Apuramento de Campeão. A equipa terminou assim a sua participação no Campeonato Nacional de Juniores B no quinto lugar com um total de cinco

vitórias, um empate e oito derrotas, o que fez com a equipa finalizasse com 16 pontos, sendo que marcou 17 golos e sofreu 25.

2.2.6. Objetivos

Neste tópico serão referidos os objetivos do BFC para época 2017/2018, quer ao nível da formação na sua globalidade, quer no sentido mais particular dos Sub 17. Dividiu-se em três sub-tópicos/objetivos: de competição, de formação e de preparação.

2.2.6.1. Objetivos de Competição

Os objetivos definidos pela estrutura da equipa Sub-17 do BFC foram bem claros logo no primeiro dia de trabalho.

O primeiro objetivo delineado seria chegar à segunda fase do Campeonato Nacional de Sub-17, objetivo esse que foi atingido, algo que o clube não conseguia desde a época 2011/2012.

Finda a primeira fase, foi estipulado que o objetivo seguinte passaria por tentar ficar nos primeiros lugares da segunda fase, de forma a garantir o acesso ao apuramento de Campeão Nacional. O BFC não chega à terceira fase desde a época de 2008/2009, e só por uma vez o clube se sagrou Campeão Nacional do escalão, corria o ano de 2000.

2.2.6.2. Objetivos de Formação

O BFC teve como principal objetivo a passagem de todas as suas equipas que competem nos respetivos campeonatos nacionais às suas fases finais. E, acima de tudo, era essencial conhecer os jogadores e as realidades de onde vinham para ajudar a torná-los, não só melhores jogadores, como também pessoas com sentido de responsabilidade, solidariedade e cooperação para com os colegas, treinadores e demais envolvidos no processo.

2.2.6.3. Objetivos de Preparação

Os objetivos de preparação dizem respeito ao que queríamos que os nossos jogadores atingissem a partir do momento em que o período preparatório da época desportiva se iniciou.

Foi delineado que o compromisso com o clube e, concomitantemente, com o treino seriam fundamentais. Por isso, os jogadores tinham de comparecer sempre 30 minutos antes do início do treino, para se equiparem e o treino iniciar às horas previamente estabelecidas.

Ao nível do treino, a concentração era imprescindível e, posteriormente, nos jogos, quer amigáveis, quer oficiais. A aquisição de qualidade no jogo que queríamos para a nossa equipa, constituía o objetivo mais importante da nossa época, a par de em cada jogo o foco ser a vitória. Qualidade de passe, circulação rápida e organização, com e sem bola, eram fatores relevantes para a aquisição de uma maior qualidade na nossa forma de jogar.

2.2.7. Limitações Funcionais e Logísticas

Apesar de estarmos a falar de um grande clube do futebol nacional, existiram limitações na operacionalização do treino que se queria implementar. Durante a época, principalmente na pré-época, muitas foram as vezes que o material para o treino, como bolas, sinalizadores, coletes e estacas, chegava atrasado, reduzindo o tempo para executar o que se pretendia. Já durante o desenrolar do campeonato, algumas vezes éramos obrigados a pedir material emprestado à equipa técnica que era responsável pelo treino da equipa que treinava no meio campo oposto ao nosso, uma vez que essa equipa técnica adquiriu de forma externa ao clube o respetivo material

De referir, de igual forma, que ocorreram situações em que se teve de reduzir o tempo de treino, devido ao facto de outras equipas da formação do BFC terem de treinarem mais cedo do que habitual. Este facto ocorreu, já durante o período de aulas dos jogadores, o que levou a que a hora e espaço de treino fossem diferentes, uma vez que, a partir daí, passou-se a treinar, somente, em

meio campo, o que, em algumas circunstâncias, reduzia a fluidez dos exercícios que eram efetuados.

Outro fator limitativo do nosso trabalho eram os atrasos aos treinos por parte dos jogadores, tanto para o iniciar, tanto no seu desenrolar, onde nos aconteceu algumas vezes termos jogadores a chegar meia hora mais tarde devido às aulas, o que nos fazia alterar um pouco a estratégia delineada para o treino.

De certa forma, isto prejudica a qualidade do treino, pois vai contra aquilo que a equipa técnica tinha idealizado para a sessão de treino e dificulta a operacionalização do mesmo. Também para a minha pessoa, estas situações não são sempre boas, uma vez que, como um dos responsáveis pelo aquecimento nos treinos, era forçado a adiar esse processo, de modo a poder haver as condições para o fazer.

2.3. Macro Contexto de Natureza Concetual

2.3.1. Futebol de Formação

2.3.1.1. Conceito de Formação (Desportiva)

Formação é uma palavra que vem do latim *formationis*, que possui vários significados. Contudo, dentro do contexto futebolístico, são de destacar os seguintes (Lisboa, 2001a, p. 1793) :

- ✓ Processo de adquirir forma, configuração;
- ✓ Ação de organizar ou instituir alguma coisa;
- ✓ Ação de transmitir conhecimentos, valores ou normas, de instruir ou promover.

Dentro deste conjunto de significados enunciados, é de realçar uma palavra: processo. Ora, a palavra “processo”, igualmente, apresenta vários significados, realçando-se os seguintes (Lisboa, 2001b, p. 2967) :

- ✓ Modo pelo qual uma coisa é feita, uma operação é realizada;
- ✓ Forma pelo qual alguma coisa tem um determinado percurso, tem um certo seguimento;
- ✓ Sucessão de etapas, estados;
- ✓ Sequência de estados que ocorrem na transformação de um sistema (evolução).

Para Mendes (2009) , a ideia que está implícita à palavra “formação”, é de algo que é, ou pretende ser, ordenado, organizado e com um propósito bem definida, para transformar de forma positiva os comportamentos e atitudes do ser humano.

A formação é um processo, é um caminho a percorrer, é uma evolução a longo prazo, sendo que para isso a condução deste processo requer um conhecimento com profundidade acerca da preparação desportiva (Mesquita, 1997), ou seja, são necessários profissionais competentes, para levar os jogadores a seguir no caminho certo, transmitindo os conhecimentos a nível,

técnico, tático, físico e psicológico. Também a transmissão de valores como autodeterminação, trabalho de equipa e autonomia são fundamentais, deste modo criando bases fortes para a construção de uma carreira no desporto (Constantino, 2002).

Logo, o mais importante é ensinar os mais jovens sobre o que é futebol no seu todo, num projeto a longo prazo, em que seja possível programar uma formação global, gradual e específica dos jovens atletas, considerando as idades de formação em que se encontram, excluindo assim a pressão por resultados a curto prazo (Loureiro, 2007) e não acelerar o processo de formação desportiva do jovem praticante através de uma especialização precoce (Constantino, 2002). Tal como diz Agostinho (2017), a formação assume-se como a base e que neste âmbito o processo formativo de ensino-aprendizagem se revela como o “ADN” de todo o processo, seja ele escolar ou desportivo, sem nunca retirar o espírito competitivo a este processo.

2.3.1.2. Importância do Futebol de Formação

A necessidade de inovar o processo pedagógico de ensinar futebol, com o propósito de originar novos jogadores para os clubes, iniciou-se aquando de uma crise no futebol após o Campeonato do Mundo de 1966, aliando isso a uma necessidade de potenciar os requisitos necessários para a aquisição da forma física, técnica e tática (Florenzano, 1998). Desde então se percebeu, que a palavra “formação” é fundamental no contexto desportivo e, em particular, futebolístico.

A formação é a fase de um processo que precede a especialização, para a qual é necessária a criação de bases sólidas e consistentes, alcançadas durante o período formativo (Mesquita, 1997). A mesma autora acrescenta que não deve existir especialização sem formação, tornando-se o trabalho dos treinadores nos escalões mais jovens irrefutável, sendo um dos fatores decisivos dos limites da prestação desportiva, no que diz respeito ao mais alto nível de rendimento.

Para Fernandes (2004), o crescimento do futebol profissional e das suas exigências de rendimento, conduziram a que, na atualidade, no futebol, a formação de jogadores se tornasse um aspeto imprescindível para que no futuro possam surgir atletas de rendimento mais elevado, sendo que isto também se aplica às restantes modalidades.

Pacheco (2001), refere que a aposta na formação de jogadores tem vindo a ganhar destaque no futebol, evidenciando ser um caminho a explorar, de forma a garantir uma posição de destaque no contexto do futebol mundial. Por isso para o mesmo autor, “o futebol de formação é uma escola de jogadores de futebol. Assim como a escola tradicional pretende dar uma formação cultural e académica aos cidadãos para que mais tarde possam vir a ser integrados na vida ativa, a escola de futebol pretende dar uma formação adequada aos jovens futebolistas, para que mais tarde possam vir a integrar as suas equipas seniores” (p. 19).

Geralmente, no futebol de formação, tem de haver um objetivo do ponto de vista pedagógico, correspondente à etapa, idade e nível individual de rendimento (Benedek, citado por Losa, 2007, p.145). Daí que para Maciel (2011), o Futebol terá de ser entendido como um desporto capaz de contribuir para a Formação íntegra dos jovens, deste modo, incrementando o seu estatuto nas sociedades. De facto, cada vez mais existem escolas de futebol e clubes a fomentar este aumento da formação de crianças e jovens no futebol, demonstrando dia após dia que a educação futebolística desde as mais pequenas idades é muito importante para a construção de uma melhor rede desportiva. Tal como diz Cruyff (citado por Maciel, 2008, p.99), “o futebol apresenta-se como uma boa escola de Formação, dando um contributo relevante para a maturação da personalidade de cada um”. Leal e Quinta (2001) dão seguimento a esta ideia, referindo que o alcance do sucesso na formação relaciona-se com o facto do jogador integrar com êxito a equipa com o mais alto patamar do clube, no final da sua formação. Os mesmos autores (2001) referem que não é frutífero os clubes possuírem escalões de formação dentro da sua organização e, posteriormente, não apostar nos jogadores formados por eles

mesmos, revelando-se o trabalho desenvolvido a esse nível praticamente inexistente.

Casáis (2009) e Chaves (2015), dão sequência à ideia anteriormente apresentada, acrescentando que para que um jogador possa chegar à equipa sénior de um clube, este terá de ter um Modelo de Formação que seja coerente, com objetivos bem delineados e programas, meios e métodos de treino adequados que contribuam para uma melhor aprendizagem do jogo, sendo que isto terá de ser ajustável às fases de desenvolvimento do jogador, servindo isto para as várias equipas da formação de um clube. De facto, um Modelo de Formação dentro do seio de um clube, afigura-se como uma ferramenta importante para que o desenvolvimento dos atletas seja mais próspero, tornando a formação dos jovens jogadores mais eficaz, sendo que a possibilidade de ingressar na equipa sénior poderá ser maior, tendo em conta que o modelo está bem estruturado e preparado para o jogador e clube.

Acrescentando às ideias previamente expostas, existe uma palavra que é patente na formação: ganhar. Para o jogador de formação, o ganhar e o lutar pela vitória devem estar sempre presentes, mas esta questão deve ser bem ponderada (Moreira, 2015). Porém, a obtenção de resultados competitivos a curto prazo, não deve funcionar como preocupação principal, muito menos como referencial fundamental (Mesquita, 1997). A mesma autora refere que não se pode colocar os resultados imediatos à frente do processo formativo dos jogadores, podendo estar a comprometer-se o futuro dos jovens praticantes. Todavia, não se deve pensar que o mais importante é participar, em virtude do ganhar, uma vez que a dedicação para chegar à vitória é um fator preponderante no futebol (Pacheco, 2001). Para este autor, deve-se encontrar um equilíbrio entre a ideia de que na formação o que interessa é competir, descartando a vitória, e a atitude que faz com que a formação de jogadores dependa somente dos resultados imediatos. Sendo assim, esses resultados não devem ser entendidos como um fim em si, mas sim como um método para atingir um fim, sendo que este fim é a formação do jogador (Moita, 2008).

A formação de jogadores no futebol corresponde a uma parte muito importante no seio de qualquer clube, tentando, através desta preparação,

potenciar jogadores para que no futuro possam integrar a equipa sénior. Efetivamente, o facto de um jogador conseguir chegar à equipa sénior da equipa no qual fez a maior parte ou a totalidade da sua formação, constitui-se, de certo modo, como o apogeu para qualquer atleta. A formação é um tema de extrema relevância para os jovens desportistas e, conseqüentemente, para o futebol (Gomes, 2009), assumindo-se como fulcral no futuro desportivo e social dos jovens, sendo que deste modo não se devem descuidar os objetivos e as características que contribuem para uma boa formação (Loureiro, 2007).

2.3.1.3. O Treinador de Formação

Nos últimos tempos tem-se interrogado acerca do método sobre o qual os treinadores são formados e que tipo de aprendizagem têm (Mesquita, 2016). O que se tem verificado são treinadores em que a aprendizagem ocorre num sentido em as respostas para os seus problemas são, literalmente, dadas, sendo que isso não apela ao pensamento crítico e de aprendizagem, muito pelo contrário (Mesquita, 2016). Para a mesma autora (Mesquita, 2016), os treinadores têm de pensar e refletir sobre os seus problemas para os poderem ultrapassar. Por isso, atendendo que é o treinador que controla, dirige e lidera o processo de treino, tornou-se imprescindível conferir respaldo teórico à evolução da sua identidade profissional .

Posto isto, a formação de jogadores requer um enorme trabalho do ponto de vista pedagógico, mas também tático, técnico e psicológico, sendo que existe um elemento que é fulcral para a consecução destas vertentes: o treinador.

O papel de um treinador tem, nos dias de hoje, ganho cada vez maior preponderância, sendo o principal responsável pela formação dos seus atletas, no contexto desportivo.

Segundo Rosado, Sarmiento e Rodrigues (2000), ser treinador tornou-se uma atividade cada vez mais rigorosa, dado que estes assumem uma missão predominante, em que lhes é imposto um vasto conjunto de tarefas, aptidões, atitudes e comportamentos. Exige um conhecimento multidisciplinar, tornando-se indispensável, tal como referido acima, que o treinador possua qualidades ao

nível tático, técnico e de preparação condicional em que estes se especializem (Araújo, 1994) . Giménez (citado por Moita, 2008, p.32), refere que as principais funções de um treinador de jovens são “formar jogadores e preparar equipas utilizando uma metodologia que tenha em conta, sobretudo, o atleta”. Cabe ao treinador gerar e gerir o processo de preparação desportiva na sua totalidade, afigurando-se como elemento nuclear nessa metodologia (Garganta, Oliveira & Murad, 2004).

Existem clubes que apostam em treinadores para a sua formação que já foram jogadores desse mesmo clube, seja em final de carreira ou que contem com vários anos de ligação a uma instituição ou, então, que, simplesmente, tenham praticado futebol. Para Pacheco (2001), o facto de alguém ter jogado futebol, não faz dele um bom treinador, sendo que é necessário que estes possuem um conjunto de elementos “que se vão adquirindo através do estudo e da experiência refletida”. Contudo, para o mesmo autor (2001), o treinador de formação não deverá ser aquele que não tem qualquer tipo de ligação com o futebol ou vivências do ponto de vista pedagógico com jovens futebolistas, sendo que para o autor, o treinador de formação deve reunir três competências que são importantes: saber, saber fazer e saber fazer com que outros façam. O autor completa, dizendo que o treinador “padrão” para os jovens jogadores, é aquele que, ao mesmo tempo, tem experiência e prática desportiva e uma formação específica, que o faz ter habilitações para treinar futebolistas de formação. Assim, o treinador de futebol tem de conhecer a modalidade em todas os seus aspetos, sabendo que será chamado, a cada momento, a tomar decisões sobre questões táticas, técnicas e logísticas (Garganta, Oliveira & Murad, 2004) .

Para Garganta, Oliveira & Murad (2004), espera-se que o treinador seja capaz de dirigir o processo global evolutivo dos jogadores que tem ao seu dispor, deste modo induzindo a transformação e aperfeiçoamento de atitudes e comportamentos, na busca do rendimento desportivo e do desenvolvimento pessoal e coletivo. Logo, o treinador tem de ter uma forte intervenção pedagógica, se quer aumentar os níveis técnicos e táticos, levando-os a patamares mais altos, sendo que se constitui como um elemento essencial, o que ajuda a refletir, tomar consciência e corrigir (Araújo, 1995).

Dentro do contexto desportivo, o treinador tem um papel de enorme importância na construção da identidade de uma equipa e, de igual forma, de um clube. Contudo, na formação, o seu desafio torna-se diferente, pois os objetivos são relativamente diferenciados daqueles que são aplicados no alto rendimento. Como foi referido anteriormente, a diferença está reside no facto de que a preparação dos jovens deve ser encarada num âmbito plurienal e sem preocupações de resultados imediatos, enquanto que na alta competição existe o objetivo do rendimento a curto prazo (Araújo, 1994) .

Por isso, o treinador de formação tem de possuir habilitações pedagógicas e específicas para exercer na prática, sendo importante ter algum tipo de experiência dentro do mundo do futebol, nunca esquecendo que não se deve colocar os resultados imediatos como objetivo principal, mas sim, equilibrar o processo entre o competir e a vitória. É necessário ensinar aos jogadores “o que fazer, como fazer, e, principalmente, como fazê-lo bem”, passando aos jogadores informação relevante no que se refere à realização de uma ação específica, e/ou ao objetivo da ação (Silva, 2006).

2.3.2. Análise de Jogo

“A utilização por parte do treinador de outros meios auxiliares de apoio ao processo de treino, permitem-lhe ficar na posse de um conjunto de dados objetivos que lhes possibilitem uma intervenção mais ajustada junto dos jogadores e da equipa.”

(Ventura, 2013)

A vertente de análise de jogo tem assumido uma importância muito grande ao longo dos anos, no que diz respeito ao estudo dos comportamentos dos jogadores e de uma equipa, sendo que muitos treinadores, presentemente, utilizam esta ferramenta para uma melhor organização do processo de treino, contribuindo para que o seu trabalho tenha mais sucesso (Ventura, 2013).

Para Garganta (1997), esta vertente, no mundo desportivo, tem vindo a constituir-se como um argumento de crescente importância. Para o mesmo autor, este facto pode-se explicar pela complexidade que lhe é assumida, quer na recolha de informação que daí pode resultar para o treino, quer nas possíveis vantagens que contem para possibilitar a regulação da prática desportiva.

Contudo, na literatura, estes estudos têm sido denominados de formas distintas, das quais se destacam observação de jogo, análise de jogo e análise notacional (Garganta, 1997) .

A observação de jogo, para Winkler (1985) e Bacconi & Marella (1997) (cit. por Garganta, 1997, p. 143) refere-se a determinados aspetos recolhidos e registados num jogo em tempo real. Contudo, pode conter vários erros, comprometendo a fiabilidade e a precisão da informação registada, sendo que devem ser evitados através da análise de jogo.

Relativamente à análise notacional, esta é um meio de registar eventos, de modo a que esse mesmo registo seja preciso objetivo sobre o que realmente aconteceu. Sendo que mesmo os melhores treinadores, de um modo frequente, são incapazes de se recordarem de jogadas e apreciá-las, sejam elas bem-sucedidas, ou para perceberem onde ocorreram erros. Deste modo, a análise notacional fornece um registo factual e verídico, sob a condição de que os métodos de recolha de dados sejam confiáveis e objetivos e o sistema seja adaptado ao nível do jogo (Carling, Williams & Reilly, 2005) .

No entanto, constata-se que as diferentes expressões correspondem a diferentes fases do meu processo, isto é, “quando se pretende analisar o conteúdo de um jogo é essencial observá-lo, para registar as informações consideradas relevantes (Garganta, 1997), daí o uso da expressão “análise de jogo”, uma vez que engloba ambas estas vertentes.

A análise de jogo diz respeito ao registo objetivo de comportamentos que ocorrem durante uma partida, sendo que é possível focar-se na atividade de um só jogador, ou então nas ações e movimentos de jogadores em torno da bola (Carling, Williams & Reilly, 2005) .

Através da análise de jogo, é, igualmente, possível observar tanto os comportamentos da própria equipa, identificando os pontos fortes que podem ser

construídos posteriormente e pontos fracos a melhorar, como também o desempenho da equipa adversária, usando esses dados para contrariar a força do adversário e explorar os seus pontos fracos (Carling, Williams & Reilly, 2005). Vásquez (2012), refere mesmo que a análise de jogo se constitui como um meio imprescindível para a caracterização das exigências específicas que são impostas aos jogadores durante os jogos, sendo que, ao dispor deste tipo de informação, os treinadores podem ajustar o modelo de jogo, da forma mais conveniente.

A análise de jogo é influenciada por questões pedagógicas, sendo utilizada como fonte de informação para definir metodologias de ensino-aprendizagem específicas para desportos coletivos, que fossem progressivamente concordantes com as exigências da própria estrutura do jogo (Vásquez, 2012).

Em suma, e segundo Garganta (2001), a análise de jogo tem possibilitado:

1. a configuração de modelos de atividade dos jogadores e das equipas;
2. a identificação de traços de atividade em que a presença/ausência se correlaciona com a eficácia de processos e o alcance de resultados positivos;
3. a promoção do desenvolvimento de métodos de treinos que garantem uma maior especificidade e, conseqüentemente, uma melhor transferibilidade;
4. a indicação de tendências evolutivas das diferentes modalidades desportivas.

2.3.2.1. Análise de Jogo em Futebol

“A Análise de Jogo é uma arte, na medida em que a deteção e a categorização rápida e eficaz de indicadores acerca dos padrões comportamentais depende da aprendizagem, da adequada exercitação e da intuição decorrente dessa experiência específica.”

(Barreira, 2012, p.12)

Como um dos desportos mais prestigiados, senão o desporto mais popular a nível mundial, o futebol é, constantemente alvo de análise por parte de diversas personalidades. Por conseguinte, é visto como um “jogo de opiniões” (Garganta, 1997), pelo que, ao longo dos anos, e de uma forma mais intensa e regular, o futebol tornou-se um objeto de estudo, originando em seu redor um quadro teórico, que permitiu um estímulo importante no desenvolvimento da sua prática, tendo como resultado o aumento significativo da investigação no âmbito da modalidade (Silva et al., 2005) . Sendo assim, só através de processos de investigação de carácter imparcial e rigoroso, e vendo os seus temas desenvolvidos com critério e consciência, o Futebol pode evoluir para níveis de entendimento superiores, encontrando assim o seu fundamento (Barreira, 2006). Em função disso, “a caracterização da estrutura da atividade e a análise do conteúdo do jogo de futebol tem vindo a revelar uma importância e influência crescentes na estruturação e na organização do treino desta modalidade” (Korcek, cit. por Garganta, 1997, p. 146).

Concretamente, a análise do comportamento em futebol é definida como um processo consistente de avaliação objetiva e sistemática dos diferentes acontecimentos que se sucedem ao longo de uma partida (Vásquez, 2012). Franks e Miller, em 1995, realizaram um estudo, no qual demonstraram que, durante um jogo de futebol, os treinadores mais experientes e de nível internacional, apenas retêm 30% dos elementos que mais influenciaram o resultado do jogo. Por isso esta ferramenta revela-se importante para o treinador e equipa técnica na condução do processo de treino, que deve, em grande medida, recolher a informação do jogo (Sánchez, 2015). Logo, segundo esta

perspetiva, funcionando como suporte de apoio ao treinador, a análise do jogo de futebol, se tiver em atenção as lógicas internas do jogo, terá uma maior probabilidade de lhe dar o tipo de informação que deseja (Ribeiro, 2008).

Contudo, foi precisamente a partir da década de 90 que a análise de jogo foi aceite de uma forma mais generalizada pelos treinadores de futebol, sendo que, atualmente, os cursos sobre análise de jogo são frequentemente apresentados em programas de educação de treinadores em todo o mundo (Carling, Williams & Reilly, 2005). Desde então, esta vertente tem vindo a crescer no mundo futebolístico, funcionando com elemento fulcral para a condução do processo de treino, com vista ao melhor desempenho de uma equipa no contexto de jogo, quer a nível qualitativo, quer quantitativo.

“Successful coaches have an almost insatiable appetite for knowledge about every facet of the game. The coach’s craft knowledge is developed through playing the game, observing matches and successful mentoring by more experienced coaches”¹

(Carling, Williams & Reilly, 2005, p.108)

¹ *“Treinadores de sucesso têm um apetite quase insaciável por conhecimento sobre todas as facetas do jogo. O conhecimento construtivo do treinador é desenvolvido através do jogo, observando partidas e mentoria de sucesso por treinadores mais experientes”*. Tradução para português

CAPÍTULO III

REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3. Realização da prática profissional

3.1. Modelo de Jogo

O desempenho no futebol corresponde a um fenómeno multidimensional (Garganta, 1998) sendo que, para isso, a criação de uma ideia de jogo para uma equipa, representa um passo importante, desde que esteja bem definida e estruturada.

A ideia de jogo acabará por tornar-se no Modelo de Jogo. Segundo Tamarit (Tamarit, 2013), o modelo de jogo existe em termos estruturais e funcionais, permitindo que uma equipa revele comportamentos que a identifiquem, resultantes da execução de uma certa operacionalização, fazendo com que os jogadores sejam estruturalmente condicionados a todos os níveis, orientando as suas decisões. Assim, os treinadores devem possuir ideias táticas e técnicas claras, sabendo perfeitamente os padrões de jogo, dos pontos de vista individual e coletivo, que projetam para as suas equipas em jogo (Oliveira, 2011). Logo, a existência de um modelo de jogo não basta para que os comportamentos sejam condicionados dessa forma visto que tem que se treiná-lo de forma a consolidá-lo no imaginário dos jogadores e da equipa, tornando-o presente no consciente e subconsciente dos mesmos (Campos, 2008).

O modelo de jogo constitui-se como o elemento de orientação do processo de treino e de jogo, com o objetivo de regular as atitudes e comportamentos dos jogadores e da equipa, de modo a perceberem o que fazer nos diferentes momentos do jogo, dando uma resposta à altura quando confrontados com diversas situações (Gonçalves, 2011), tornando-se possível, através da sua caracterização, definir os objetivos, conteúdos e meios de treino mais específicos (Leitão, 2012). A partir dele, é possível reconhecer sequências de atitudes que se repetem dentro do fluxo do jogo, fazendo sobressair indicadores que, uma vez operacionalizados, permitem racionalizar os padrões de jogo (Pereira & Garganta, 2007) .

Logo, as equipas de Futebol são sistemas especializados e condicionados pelas competências tático-estratégicas, concretizadas nas atitudes e comportamentos dos jogadores. Para Barreira (2012), tenciona-se que, em todos

os momentos do jogo, os jogadores operem segundo os princípios que os governam, entendidos como as regras de base segundo as quais coordenam e dirigem a sua atividade, tendo como alicerce o respeito pelos princípios gerais, específicos, e os que proporcionam identidade à própria equipa, isto é, os relacionados com o Modelo de Jogo .

Pode-se dizer que o modelo de jogo é uma visão futura do que um treinador pretende que a sua equipa demonstre de forma regular nos diferentes momentos do jogo, ou seja, e segundo Carvalhal (2000) e Tamarit (2007) é o jogo que o treinador deseje que a sua equipa realize, sendo esta a sua preocupação desde o primeiro dia , onde a sua construção é feita com base numa série de comportamentos indicados pelo treinador que serão influenciados pelos jogadores, desta forma potenciando as suas características individuais e interações estabelecidas entre em treino e nos diferentes momentos de jogo.

3.1.1. Modelo de jogo dos Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD

“Sem uma certa rotina, regularidade e predictibilidade, o jogo importarnos-ia uma série infundável de escolhas aleatórias, cada uma delas com consequências também aleatórias e tornar-nos-ia prisioneiros impotentes da sorte”

(Araújo, 2002, p. 161)

O modelo de jogo assume-se como o alicerce para a operacionalização do processo de treino de uma equipa, tendo como objetivo a aquisição da forma de jogar que o treinador e a sua equipa técnica idealizaram, sendo os jogadores os obreiros para colocar isso em prática. É a partir do modelo de jogo que o treinador tenta transmitir aos seus atletas quais os comportamentos que pretende que eles adquiram em treino para depois transportar para o jogo. Não obstante, convém não esquecer que são os jogadores que colocarão em prática as ideias que o treinador pretende. Acrescentando, não se deve retirar criatividade aos atletas, isto é, são eles que introduzem imprevisibilidade no jogo

da equipa de modo a elevar os comportamentos que o treinador idealizou para a sua equipa.

Por isso, segundo Teodorescu (1984) e Garganta (1997) para a consecução das ideias pretendidas, o modelo de jogo está dividido em duas fases: a fase ofensiva, onde uma equipa se encontra na situação de posse de bola e cria a possibilidade de efetuar ações de finalização para fazer golo, e a fase defensiva, em que uma equipa luta para recuperar a posse de bola, com vista à realização de ações ofensivas, sem cometer qualquer tipo de infração e sem permitir que o adversário faça golo. Dentro das duas fases do jogo de Futebol, existem seis momentos de jogo:

1. Organização Ofensiva;
2. Transição Ofensiva;
3. Organização Defensiva;
4. Transição Defensiva;
5. Esquemas Táticos Ofensivos;
6. Esquemas Táticos Defensivos.

A Organização Ofensiva caracteriza-se pelos comportamentos que a equipa exhibe quando tem a posse de bola, tendo como objetivo a criação de situações ofensivas para poder fazer golo (Oliveira, 2004)

A Transição Ofensiva corresponde aos comportamentos que uma equipa deve ter aquando da recuperação imediata da posse de bola, aproveitando assim a desorganização da equipa adversária para proveito próprio (Oliveira, 2004).

A Organização Defensiva, segundo Oliveira (2004), é caracterizada pelos comportamentos que uma equipa assume quando não tem a posse de bola, sendo o seu objetivo organizar-se de modo a impedir que a equipa adversária crie situações de golo e marque golo.

A Transição Defensiva é definida pelos comportamentos que uma equipa deve ter logo após a perda da posse de bola, sendo que os segundos após essa perda se revelam importantes, dado que ambas se encontram transitoriamente

desorganizadas para as novas funções que devem assumir, sendo que ambas têm as desorganizações adversárias (Oliveira, 2004)

Os Esquemas Táticos estão divididos em dois sub-tipos: esquemas táticos defensivos e esquemas táticos defensivos (Brassard et al., 2016). Atualmente, os Esquemas Táticos assumem uma maior relevância no jogo, pois constituem uma decisão importante no resultado, principalmente cantos e livres diretos e indiretos, que segundo Brassard et al. (2016) são “cada vez mais trabalhados pela importância que têm no futebol moderno (p.103).

Abaixo segue a forma como a equipa de Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD abordava os diferentes momentos de jogo.

3.1.1.1. Organização Ofensiva

A equipa encontrou-se disposta no sistema tático de 1-4-3-3, com o triângulo do meio campo invertido, isto é, dois médios defensivos e um médio ofensivo.

Na primeira fase de construção tentava-se privilegiar a saída curta através dos centrais, caso contrário a solução seria o guarda-redes ou os próprios centrais jogar na profundidade, sendo a referência o ponta de lança. Em caso de saída curta, os defesas centrais dão largura e os laterais projetam-se ligeiramente na profundidade, dando ao mesmo tempo largura máxima. Nesta fase, pretendia-se que um dos médios defensivos formasse uma linha de 3 com os centrais, permitindo uma construção com mais segurança. Muitas vezes pretendia-se que houvessem trocas de entrada e saída entre os médios defensivos nessas funções, de modo a confundir as marcações dos adversários. Na segunda fase do Campeonato Nacional de Juniores B, adotou-se um segundo plano que passava por um dos médios defensivos a encaixar no corredor lateral permitindo uma maior profundidade ao defesa lateral do lado da bola. Uma solução também treinada foi a saída por um dos laterais, visto que deram largura máxima e alguma profundidade.

Derivado à profundidade dada pelos laterais, era pedido aos extremos para trabalharem em espaços interiores ou para apoios frontais com os médios ou para receber e conduzir a bola. Não era exigido aos laterais e extremos para coincidirem na mesma zona. Contudo, apesar do pedido ser o lateral em toda a largura e o extremo em espaços interiores, algumas vezes, derivado à ideia de jogo de certos adversários, o extremo e lateral davam toda a largura do campo, sendo o médio ofensivo a trabalhar mais em espaços interiores. Estando o extremo a jogar por dentro, o médio ofensivo, do qual tinha de ter muita mobilidade, não podia estar na mesma linha de passe do extremo. Acontecendo isso, o médio ofensivo tinha de procurar outros espaços. Ao ponta de lança era pedido para trabalhar junto da última linha defensiva do adversário, tanto no corredor central como no corredor lateral, ou em espaços interiores entre a linha média e defensiva.

Para situações de finalização, era pedido ao avançado entrar na profundidade ou este atrair um dos defesas permitindo a entrada do médio ofensivo na profundidade. Outra solução era o cruzamento do lateral através de combinações com extremo e avançado. Ao médio ofensivo, ponta de lança e extremo contrário ao lado era pedido a entrada na área para finalização. Um dos médios defensivos e o extremo do lado onde saiu o cruzamento ficavam responsável por uma possível segunda bola. Nesta situação toda a linha defensiva e linha média tinham estar no meio campo ofensivo, reduzindo o máximo de espaço possível em caso de perda de bola para o adversário.

3.1.1.2. Transição Ofensiva

Maioritariamente feita a partir do meio-campo defensivo, a transição ofensiva tinha como objetivo ser o mais rápida possível para a saída em contra-ataque ou ataque rápido. As saídas privilegiavam-se pelo corredor central através da condução de bola dos médios ou pelo corredor lateral através dos extremos, para condução de bola inteligente. Em ambos os casos haviam as opções de solicitar o ponta de lança na profundidade aproveitando assim a

desorganização da linha defensiva adversária, ou solicitar os laterais em largura máxima e em profundidade para tirar cruzamento. Em suma, explorar a profundidade e largura concedidas pelo adversário aquando da sua desorganização devido à perda da bola.

3.1.1.3. Organização Defensiva

A equipa de Sub-17 do BFC, SAD ficava disposta no sistema tático de 1-4-4-2, onde a primeira linha pressão ficava a cabo do ponta de lança e médio ofensivo e a segunda linha de pressão era constituída pelos dois médios defensivos e os dois extremos, nem sempre em linha, visto que os extremos tentavam retirar ao máximo o espaço lateral-extremo do adversário.

Em relação à primeira fase de construção da equipa adversária, foram adotadas duas formas para poder condicionar a equipa adversária: uma na primeira fase do campeonato e outra na segunda fase. Na primeira fase do Campeonato Nacional de Juniores B, os Sub-17 do BFC dispunham-se num bloco médio-alto de modo a condicionar a saída curta, obrigando o adversário a jogar na profundidade. Caso a bola entrasse de forma curta num dos centrais o jogador do lado da bola, a título de exemplo o médio ofensivo, teria de acompanhar os movimentos do adversário, sendo que o ponta de lança ficava responsável por uma marcação individual ao médio defensivo adversário; se a bola rodasse para o lado contrário, o médio ofensivo e o ponta de lança trocavam de funções, ou seja, o ponta de lança ficava responsável pela marcação ao defesa central e o médio ofensivo ao médio defensivo. Na segunda fase do campeonato, preferiu-se adotar um bloco médio-baixo, permitindo ao adversário sair curto pelos centrais. Dependendo do lado da bola, ou o ponta de lança ou o médio de pressão tinham como indicador de pressão a condução de bola de um dos centrais, onde nesse momento o nosso jogador tentava que o adversário não progredisse com bola.

Relativamente à linha intermédia da organização defensiva, como referido anteriormente, foi constituída por uma linha de quatro (os dois médios defensivos e os dois extremos), mas nem sempre em linha, para permitir aos

extremos o controlo do espaço exterior e interior entre lateral e extremo adversários. Quando a bola rodava a um lado, os médios nunca podiam estar em linha; o que se pedia era o médio defensivo do lado da bola ficar mais à frente dando cobertura ao extremo, enquanto que o outro médio defensivo controlava o espaço entre a nossa linha média e defensiva; se a bola rodasse para o lado contrário, os médios defensivos faziam trocas de funções, permitindo assim um menor desgaste físico.

A linha defensiva de quatro tinha de estar compacta e preparada para ou subir linhas caso o adversário atrasasse a bola, ou pronta para o controlo da profundidade quando a bola estava descoberta. Os defesas centrais tinham de estar em cobertura aos médios defensivos, se a bola não fosse recuperada na zona intermédia. Era importante, de igual forma, a abordagem aos cruzamentos nas linhas laterais, onde um médio defensivo tinha de ajustar ou entre o espaço lateral-central ou espaço entre centrais e o outro médio defensivo atento a uma possível segunda bola.

Para concluir, desde o início da época foi transmitido aos jogadores para não entrarem de primeira contra o adversário, optando pela contenção no 1x1 defensivo e esperar pelo momento certo para apertar.

3.1.1.4. Transição Defensiva

Neste momento, era pedida uma reação forte à perda de bola, tentando recuperá-la de imediato no centro de jogo no 1º portador da bola ou obrigar o erro do adversário. Sempre que necessário recorria-se a faltas. Era importante haver sempre coberturas defensivas caso a bola não fosse recuperada de imediato. Caso o adversário conseguisse sair da pressão, era obrigatório ajustar rápido as posições e entrar em organização defensiva, retirando espaços para o adversário progredir com bola.

3.1.1.5. Esquemas Táticos Ofensivos

As bolas paradas assumem um papel muito importante no resultado final de um jogo de Futebol. Estas ações objetivam-se ser um meio eficaz para conseguir marcar golo de forma imediata, podendo dar resultado através de esquemas táticos com combinações previamente treinadas, coordenando a dinâmica e as movimentações dos jogadores que intervêm na ação (Teodorescu, 1984).

Nas próximas figuras estão representados os posicionamentos ofensivos adotados:

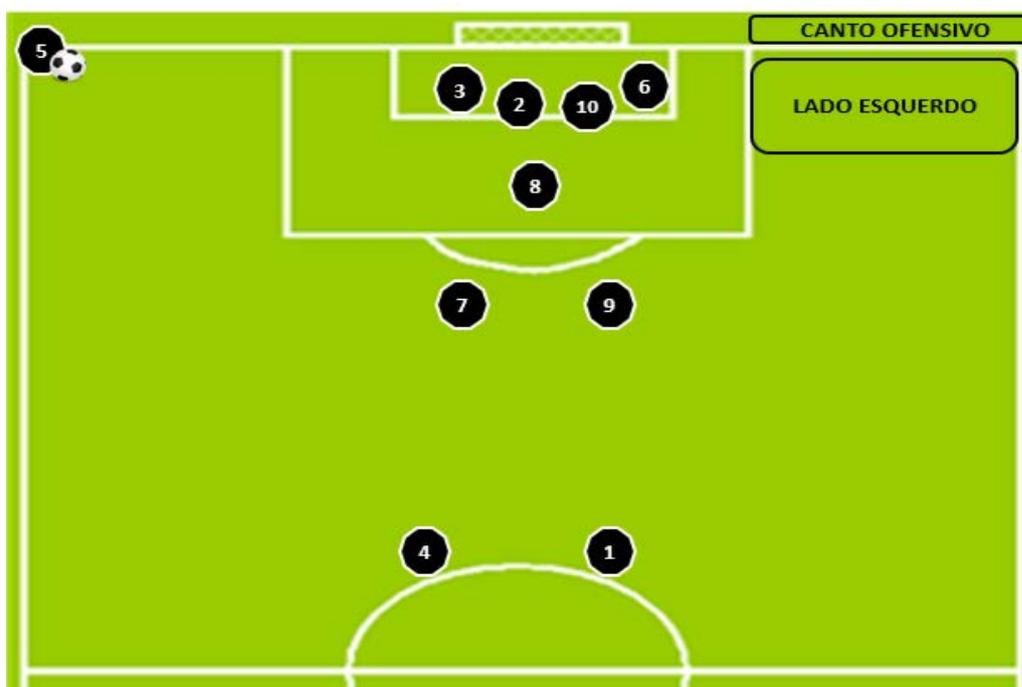


Figura 6 - Canto Ofensivo Lado Esquerdo

Na figura 4 apresenta-se o canto ofensivo executado do lado esquerdo do terreno de jogo. Dois jogadores responsáveis pelo ataque ao primeiro e outro dois ao segundo, sendo que um jogador atacava o centro; encontravam-se dois jogadores fora da área para possíveis segundas bolas e dois jogadores perto do centro do terreno para controlar um adversário direto e uma possível bola longa.



Figura 7 - Canto Ofensivo Estudado Lado Direito

Na figura acima esquematiza-se um canto ofensivo estudado que era executado do lado direito do campo. Este canto era executado de forma rasteira para o número 3 de forma a rematar a baliza; para tal o número fazia bloqueio a um jogador adversário, enquanto que os restantes que se encontravam dentro da área arrastavam as marcações do adversário; dois jogadores estavam fora da área preparados para as segunda bolas e dois jogadores encontravam-se perto do meio campo para controlar as bolas longas e adversários diretos.



Figura 8 - Livre Ofensivo Padrão

Na figura 6 está representado um exemplo da forma como abordávamos os livres ofensivos no último terço do campo; uma linha de 5 responsável pelo ataque à profundidade; dois jogadores perto da grande área para possíveis segundas bolas e dois jogadores mais afastados para controlar as possíveis bolas longas do adversário; de referir que estes livres eram batidos de forma alternada, isto é, ou por um jogador esquerdo, fazendo curva para fora, ou um jogador destro, fazendo uma curva para dentro.

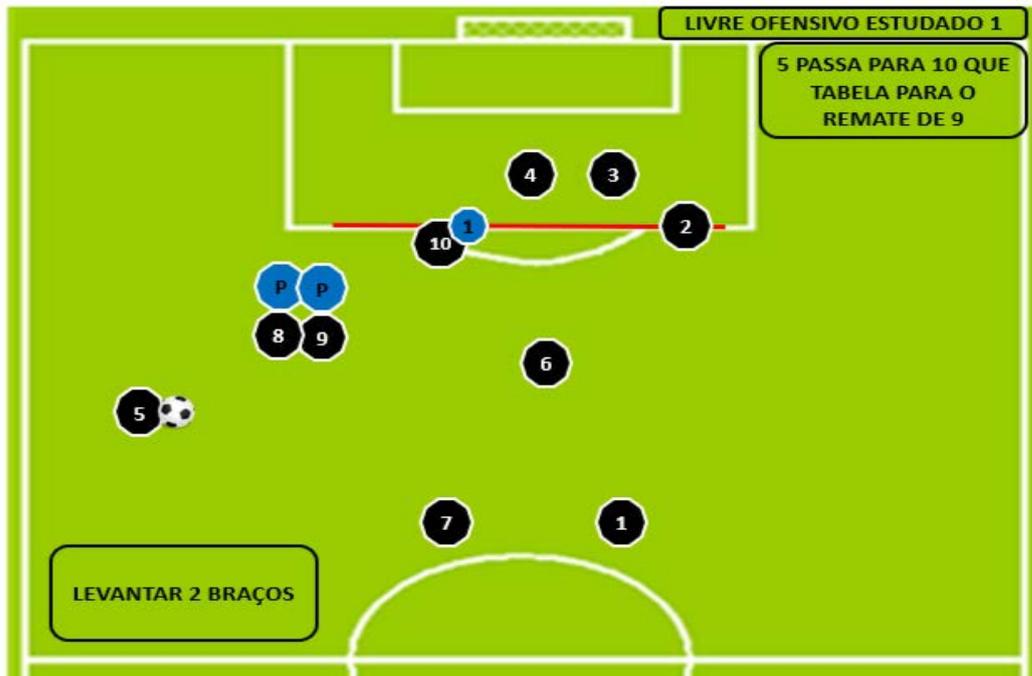


Figura 9 - Livre Ofensivo Estudado

Na figura acima encontra-se esquematizado um exemplo de um livre ofensivo estudado; livre batido à maneira para o número 10 que arrasta a marcação de um adversário e tabela com o jogador 9 que se afasta da barreira e remata para o espaço deixado pelo adversário que foi arrastado pelo jogador 9.

3.1.1.6. Esquema Táticos Defensivos

Tal como as bolas paradas ofensivas, os esquemas táticos defensivos assumem um papel importante na forma como uma equipa defende, tentando impedir o golo do adversário, através de marcações zonais, mistas ou ao homem.

Nas próximas figuras estão esquematizados os posicionamentos defensivos assumidos:

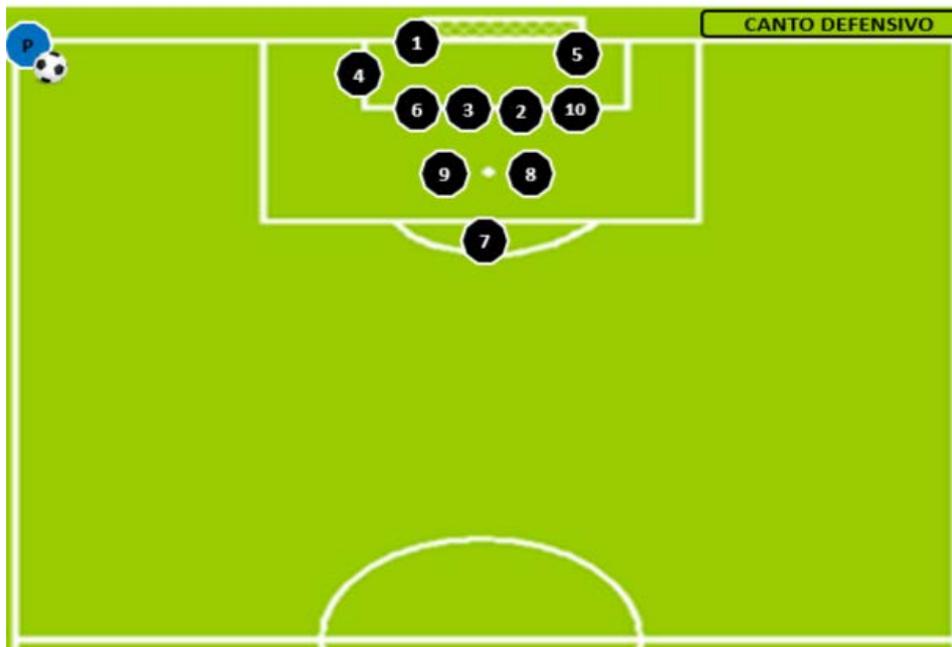


Figura 10 - Canto Defensivo

Na figura 8 está esquematizado o canto defensivo com os posicionamentos adotados, sendo que eram feitos desta forma quer para o lado direito como para o lado esquerdo. Um dos focos foi a proteção do primeiro e segundo poste, com um jogador em cada poste; o jogador representado com o número ficava responsável por uma possível segunda e iniciar a transição ofensiva; o jogador número 4 teria de se aproximar da zona de canto, se este fosse executado da maneira curta.

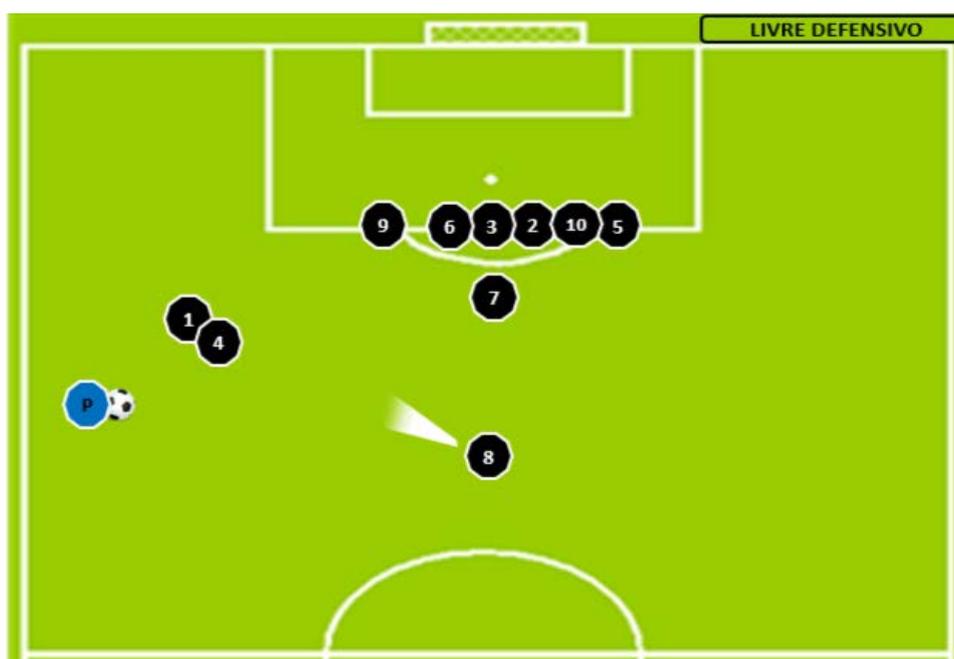


Figura 11 - Livre Defensivo

Na figura acima está representado um exemplo de como a equipa defendia no último terço do terreno. A linha de 6 tinha como objetivo controlar a profundidade, estando o número 7 atento às segundas bolas; o número 8 estaria posicionado ou como referência para as transições ofensivas, ou para aproximação à barreira no caso de livre curto; a colocação da barreira ficava ao critério do guarda redes.

3.2. Estudo de Investigação: Análise dos Comportamentos Defensivos da equipa Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD

3.2.1. Introdução

Segundo (Sánchez, 2015), na atualidade, existe um interesse em permanente crescimento em analisar as equipas adversárias. Contudo, e em concordância com o mesmo autor (2015), está demonstrado que é, inclusive, igualmente importante analisar a própria equipa, sendo que esta análise proporciona as chaves fundamentais para obter uma maior evolução no próprio modelo de jogo.

A partir de um ponto de vista prático, todo o processo de análise de jogo orientado para a evolução e descrição do tipo e qualidade de jogo revelado pelos jogadores, supõe fazer um esforço para conhecer como se revela, durante os jogos, os diferentes formatos da organização dentro das equipas, mais conhecida como sistema de jogo, a partir da identificação de diferentes padrões de comportamento individual e coletivo que surgem com maior regularidade durante um jogo (Vásquez, 2012), sendo que no futebol, bem como em outras modalidades coletivas, existem fatores contextuais como o local do jogo, o resultado do mesmo, a classificação geral das equipas na competição ou o estado da posse de bola que determinam a alteração de comportamentos técnico-táticos dentro de uma equipa (Lago & Martín, 2007).

Contudo, entendemos que existem mais estudos relacionados com os processos ofensivos de jogo, em detrimento do processo defensivo, em concordância (Fernandes, 2017) , em que revela que desprezar o processo não beneficia o conhecimento sobre futebol na sua totalidade. Para (Volossovitch, 2011), torna-se urgente focalizar mais atenção nas variáveis do processo defensivo, sem as quais se torna mais difícil avaliar os acontecimentos no terreno de jogo.

Como tal, o objetivo foi analisar os comportamentos defensivos dos Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD na época 2017/2018, tendo em conta as

seguintes características: (1) padrões de recuperação da posse de bola existiram na equipa; (2) comportamentos defensivos que prevalecem de acordo com o tipo de final de fase, a nível geral e de acordo com a qualidade do adversário.

3.2.2. Métodos

3.2.2.1. Amostra

A amostra deste estudo foi formada por 712 sequências defensivas determinadas segundo a definição de recuperação da posse de bola dada por Garganta (1997), onde tal é considerado se (1) um jogador der 3 toques consecutivos na bola; (2) um jogador realizar um passe positivo e (3) um jogador executar um remate, sendo que uma exceção será o guarda-redes agarrar a bola. As ações foram realizadas pela equipa Sub-17 do BFC, SAD em 9 jogos do Campeonato Nacional de Juniores B, relativos à época desportiva 2017/2018, em que 4 desses jogos foram realizados na primeira fase dessa competição (Cracks Clube de Lamego, Futebol Clube do Porto, Anadia Futebol Clube e Seia Futebol Clube) e os restantes 5 na segunda fase (Sporting Clube de Braga, Rio Ave Futebol Clube, Futebol Clube do Porto, Futebol Clube Paços de Ferreira e Associação Académica de Coimbra), constituindo um total de 7540 comportamentos realizados. Os jogos foram realizados na casa do BFC, SAD, o Complexo Desportivo de Ramalde (INATEL). O número inicial de jogos para analisar era 12, em que 6 correspondiam à primeira fase e os restantes à segunda fase. No entanto, devido a dificuldades técnicas em alguns dos vídeos, o número foi reduzido para 9.

Quadro 3: Jogos Analisados

<i>Adversário</i>	<i>Jornada</i>	<i>Fase</i>	<i>Tipo Adversário</i>
Cracks Clube de Lamego	2 ^a	1 ^a	To
Futebol Clube do Porto	4 ^a	1 ^a	Tf
Anadia Futebol Clube	8 ^a	1 ^a	Tth
Seia Futebol Clube	9 ^a	1 ^a	Tt
Sporting Clube de Braga	2 ^a	2 ^a	Tf

Rio Ave Futebol Clube	8 ^a	2 ^a	Tth
Futebol Clube do Porto	10 ^a	2 ^a	Tf
Futebol Clube Paços de Ferreira	12 ^a	2 ^a	Tth
Associação Académica de Coimbra	13 ^a	2 ^a	Tth

3.2.2.2. Instrumento e análise de dados

Para este estudo foi utilizado o instrumento de observação SOC-DEF, “uma ferramenta de análise, do nível mais focalizado para o nível micro, das ações imediatas dos três defensores, que de acordo com a literatura constitui no número mínimo para analisar a defesa em relação ao portador da bola.” (Fernandes, 2017, p.4). Este instrumento foi implementado na plataforma LINCE (Gabin et al., 2012) , uma aplicação para a automatização de registos de observação. Os jogos foram filmados com uma câmara Fujifilm 130 HD.. Para Garganta (Garganta, 1997) , o indicado seria filmar jogos a partir de um plano zenital, cobrindo todo o campo, sem comprometer a possibilidade de identificar os jogadores, sendo que os jogos transmitidos pelas televisões não obedecem a estes requisitos. Segundo o mesmo autor (1997), apesar destas limitações, os registos obtidos desta forma constituem, no seu total, uma parte muito importante dada a qualidade, quantidade e diversidade de informação. Por isso, as filmagens foram feitas no Complexo Desportivo de Ramalde, na zona destinada a possíveis transmissões televisivas.

Para a análise dos resultados foi utilizado o Excel 2013 para a gestão de dados, SPSS v.25 para a análise descritiva e o GSEQ-SDIS (Bakeman & Quera, 1996) , para a análise sequencial dos mesmos.

Para a concretização da análise sequencial foi utilizado o método *Lag* (Anguera, 2005). Com este método, as probabilidades condicionais são calculadas partindo de distâncias existentes de transições entre um dado comportamento e os comportamentos objeto, o que permite identificar quais são os que mantêm relações de ativação ou inibição a uma distância de, neste caso, 5 transições (Amaral, 2004). Recorreu-se de seguida ao cálculo do qui-quadrado

(χ^2) para rejeitar a hipótese nula, cujo nível de significância foi $p \leq 0,05$. Após este cálculo, recorreu-se à estatística z hipergeométrica, correspondente aos resíduos ajustados, em que os valores acima de 1,96 eram estatisticamente significativos.

3.2.3. Resultados

Foram registadas 712 sequências da fase defensiva, resultantes de 7557 eventos. Relativamente à análise sequencial, cada associação com valor de p significativo relacionado com os resíduos ajustados (Z) por cada *lag* é exibida no quadro 4.

Quadro 4: Análise Sequencial dos Comportamentos Defensivos a nível geral e em relação à qualidade do adversário apresentados pelos Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD

<i>GIVEN</i>	<i>TARGETS</i>	<i>LAG 0</i>	<i>LAG -1</i>	<i>LAG -2</i>	<i>LAG -3</i>	<i>LAG -4</i>	<i>LAG -5</i>
		Z/Pval	Z/Pval	Z/Pval	Z/Pval	Z/Pval	Z/Pval
<i>FEda</i>	Dlcb	2,32/0,02					
	D5	2,43/0,01					
	B5	2,58/0,01					
	SPr		5,06/<,01				
	D6	2,07/0,04					
	B6	2,17/0,03					
	Dlel		3,11/<,01				
	DTel		2,78/0,01				
	D7				2,19/0,03	2,6/0,01	
	B7				2,87/<,01		
	T7						2,05/0,04
	T9			2,15/0,03			
	I9				2,04/0,04		
	I10			3,93/<,01			
<i>FEds</i>	DDmh		3,63/<,01				
	DDcp		2,15/0,03				
	Pi	2,41/0,02	2,1/0,04				
	TScce		2,87/<,01				
	I4	3,45/0,01					
	D4	2,65/0,01	4,55/<,01				
	B4	2,37/0,02	4,63/<,01	3,49/<,01			
	I6	2,29/0,02					
	D6	2,11/0,04				2,36/0,02	

	B6	2,16/0,03			
	T6			2,39/0,02	
	I9		2,13/0,03		
	T9				3,12/<,01
FEds*Tf	TScce		2,01/0,04		
	T4	3,94/<,01			
	I4		4,32/<,01		
	B4		3,22/<,01	3,73/<,01	
	D4			3,44/<,01	
FEds*Tth	DDmh		3,78/<,01		
	TSaa		2,55/0,01		2,45/0,01
	D4		2,53/0,01		
	B4		2,78/0,01		
	B6			3,18/<,01	3,24/<,01
FEep	T5	2,62/0,01			
	DTel	3,60/<,01			
	I6	2,73/0,01	3,42/<,01		
	D6	2,11/0,04		2,17/0,03	
	B6	2,52/0,01			
	I9			2,04/0,04	
FEep*Tth	DTel	3,79/<,01			
FEi	DImh	2,11/0,04			
	DTmh	2,54/0,01			
	D5	3,68/<,01			
	B5	3,83/<,01			
	SPr		3,33/<,01		
	D6	2,02/0,04			
	T9		2,29/0,02	2,23/0,03	
	I9		2,95/<,01		
FEi*Tf	DTmh		3,87/<,01		
	T4				2,49/0,01
	D5	2,42/0,02			
	B5	2,56/0,01			
	B7		2,12/0,03		
	DTcz		2,12/0,03		
FEi*Tth	D5	2,7/0,01			
	Dlcz	2,13/0,03			
FEil	Pi	4,57/<,01	4,73/<,01		
	I4	2,26/0,02			
	B4	2,79/0,01			
FEil*Tf	Pi		3,01/<,02		
	DTel		2,27/0,02		
	DTet	2,04/0,04			
FEil*Tth	DTmh		2,58/0,02		

	Pi	2,97/<,01			
	D4	2,02/0,04			
	B4	2,42/0,02			
	D9		2,48/0,01		
FEtg	DTmh	3,15/<,01			
	Pr	4,96/<,01	2,12/0,03		
	T2	9,32/<,01	5,47/<,01	2,25/0,02	
	I2	10,22/<,01	4,93/<,01		
	D2	11,48/<,01	3,37/<,01		
	B2	11,88/<,01			
	TScce		2,08/0,04		
	I5		2,8/<,01	2,24/0,03	
	DDtr		2,37/0,02		
	D5		3,53/<,01		
	B5		4,04/<,01		
	T5			2,56/0,01	2,31/0,02
Flrf	Pr	3,18/<,01	3,85/<,01		
	T2	7,96/<,01	5,57/<,01	4,74/<,01	
	I2	7,96/<,01	6,53/<,01		
	D2	9,54/<,01	7,54/<,01		
	B2	9,49/<,01			
	T5		5,06/<,01	4,92/<,01	3,33/<,01 3,03/<,01
	I5		5,54/<,01	3,99/<,01	
	DDtr		3,25/<,01		
	D5		6,22/<,01	5,13/<,01	2,37/0,02
	B5		6,01/<,01	6,27/<,01	
	DTel	2,93/<,01			

Legenda:

- B2: Localização da bola no corredor central e setor ultradefensivo;
- B4: Localização da bola no corredor esquerdo, setor defensivo e médio defensivo;
- B5: Localização da bola no corredor central e setor defensivo;
- B6: Localização da bola no central e setor médio defensivo;
- B7: Localização da bola no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo;
- D2: Localização do 1º defesa no corredor central e setor ultradefensivo;
- D4: Localização do 1º defesa no corredor esquerdo, setor defensivo e médio defensivo;

- D5: Localização do 1º defesa no corredor central e setor defensivo;
- D6: Localização do 1º defesa no corredor central e setor médio defensivo;
- D7: Localização do 1º defesa no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo;
- D9: Localização do 1º defesa no corredor central e setor médio ofensivo;
- DDcp: Contenção de pressão por parte do 1º defesa;
- DDmh: Marcação ao homem por parte do 1º defesa;
- DDtr: Tentativa de recuperação da bola por parte do 1º defesa;
- DIcb: Cobertura por parte do defesa indireto;
- DIcz: Cobertura zonal com marcação ao homem por parte do defesa indireto;
- DIel: Fecho do espaço longitudinal por parte do defesa indireto;
- DIMh: Marcação ao homem por parte do defesa indireto;
- DTcz: Cobertura zonal com marcação ao homem por parte do 3º defesa;
- DTEL: Fecho do espaço longitudinal por parte do 3º defesa;
- DTMh: Marcação ao homem por parte do 3º defesa;
- Fed: Final da fase defensiva por duelo aéreo ou cabeceamento;
- FEEds: Final da fase defensiva por desarme;
- FEEds*Tf: Final da fase defensiva por desarme frente a adversários de qualidade de nível 4;
- FEEds*Tth: Final da fase defensiva por desarme frente a adversários de qualidade de nível 3;
- FEep: Final da fase defensiva por erro do portador da bola;
- FEep: Final da fase defensiva por erro do portador da bola adversários de qualidade de nível 3;
- FEei: Final da fase defensiva por intercepção;
- FEei*Tf: Final da fase defensiva por intercepção frente a adversários de qualidade de nível 4;
- FEei*Tth: Final da fase defensiva por intercepção frente a adversários de qualidade de nível 3;
- FEeil: Final da fase defensiva por infração às leis;

- FEil*Tf: Final da fase defensiva por infração às leis frente a adversários de qualidade de nível 4;
- FEil*Tth: Final da fase defensiva por infração às leis frente a adversários de qualidade de nível 3;
- FEtg: Final da fase defensiva por técnica do guarda-redes;
- Flrf: Final da fase defensiva por remate desenquadrado com a baliza;
- I2: Localização do 2º defesa no corredor central e setor ultradefensivo;
- I4: Localização do 2º defesa no corredor esquerdo, setor defensivo e médio defensivo;
- I5: Localização do 2º defesa no corredor central e setor defensivo;
- I6: Localização do 2º defesa no corredor central e setor médio defensivo;
- I9: Localização do 2º defesa no corredor central e setor médio ofensivo;
- I10: Localização do 2º defesa no corredor central e setor ofensivo;
- Pi: Igualdade numérica com pressão da equipa adversária;
- Pr: Superioridade numérica relativa;
- SPr: Inferioridade numérica relativa;
- T2: Localização do 3º defesa no corredor central e setor ultradefensivo;
- T5: Localização do 3º defesa no corredor central e setor defensivo;
- T6: Localização do 3º defesa no corredor central e setor médio defensivo;
- T7: Localização do 3º defesa no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo;
- T9: Localização do 3º defesa no corredor central e setor médio ofensivo;
- TSaa: Subfase de atrasar o ataque;
- TSce: Subfase de controlar o espaço.

Para o final da fase da defensiva por duelo aéreo ou cabeceamento (Fed), existem associações significativas no *Lag 0* com: (1) cobertura por parte do defesa indireto (DIcb) ($z=2,32$; $p=0,02$); (2) localização do 1º defesa no corredor central e setor defensivo (D5) ($z=2,43$; $p=0,01$); (3) localização da bola no corredor central e setor defensivo (B5) ($z=2,58$; $p=0,01$); (4) localização do 1º defesa no corredor central e setor médio defensivo (D6) ($z=2,07$; $p=0,04$) e (5) localização da bola no corredor central e setor médio defensivo (B6) ($z=2,17$;

$p=0,03$). No *Lag -1*, significativamente falando, encontramos associações de FEda com a inferioridade numérica relativa (SPr) ($z=5,06$; $p<,01$), o fecho do espaço longitudinal por parte do 2º defesa (DIel) ($z=3,11$; $p<,01$), o fecho do espaço longitudinal por parte do 3º defesa (DTel) ($z=2,78$; $p=0,01$), a localização do 3º defesa no corredor central e setor médio ofensivo (T9) ($z=2,15$; $p=0,03$) e localização do 3º defesa no corredor central e setor ofensivo (I10) ($z=3,93$; $p<,01$). Existem relações estatisticamente significativas para a localização do defesa indireto no corredor central e setor médio ofensivo (I9) ($z=3,93$; $p<,01$) no *Lag -2*. FEda e a localização do 1º defesa no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo (D7) têm associações no *Lag -3* ($z=2,19$; $p=0,03$) e *Lag -4* ($z=2,6$; $p=0,01$) enquanto que a localização da bola nesse mesmo espaço (B7) tem em *Lag -3* ($z=2,87$; $p<,01$). Finalmente, foram encontradas relações significativas entre FEda e a localização do 3º defesa no mesmo espaço dos dois anteriores (T7) no *Lag -5* ($z=2,05$; $p=0,04$).

Para o final da fase defensiva por desarme (FEds), no *Lag 0* existiram relações significativas com a localização da bola no corredor esquerdo, setor defensivo e médio defensivo (I4) ($z=3,45$; $p=0,01$), a localização da bola no corredor central e setor médio defensivo (I6) ($z=2,29$; $p=0,02$) e a localização da bola no mesmo espaço anterior (B6) ($z=3,46$; $p=0,03$), sendo que I4 também tem associações com o final da fase defensiva por desarme frente a adversários de qualidade de nível 4 (FEds*Tf) em *Lag -1* ($z=4,32$; $p<,01$) e B6 frente a adversários de qualidade de nível 3 (FEds*Tth) em *Lag-2* ($z=3,18$; $p<,01$) e *Lag -3* ($z=3,24$; $p<,01$). A igualdade numérica com pressão da equipa adversária (Pi) tem associações com FEds no *Lag 0* ($z=2,41$; $p=0,02$) e *Lag -1* ($z=2,1$; $p=0,04$), tal como a localização do 1º defesa no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo (D4) ($z=2,65$; $p=0,01$ e $z=4,55$; $p<,01$, respetivamente). D4 possui igualmente relações com FEds*Tf em *Lag -2* ($z=3,44$; $p<,01$) e com FEds*Tth em *Lag -1* ($z=2,53$; $p=0,01$). FEds tem, de igual forma, relações significativas com a localização da bola no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo (B4) em *Lag 0* ($z=2,37$; $p=0,02$), *Lag -1* ($z=4,63$; $p<,01$) e *Lag -2* ($z=3,49$; $p<,01$). B4 tem com associações com FEds*Tf em *Lag -1* ($z=3,22$; $p<,01$) e *Lag -2* ($z=3,73$; $p<,01$) e com FEds*Tth em *Lag-1* ($z=2,78$; $p=0,01$).

A marcação ao homem por parte do 1º defesa (DDmh) tem correspondências com FEds e FEds*Tth em *Lag -1* ($z=3,63$; $p<,01$ e $z=3,78$; $p<,01$, respetivamente). FEds corresponde também com a contenção de pressão por parte do 1º defesa (DDcp) em *Lag -1* ($z=2,15$; $p=0,03$). A subfase de controlar o espaço (TSce) tem associações com FEds em *Lag -1* ($z=2,87$; $p<,01$) e FEds*Tf em *Lag -2* ($z=2,01$; $p=0,04$). Em *Lag 0* ($z=2,11$; $p=0,04$) e *Lag -4* ($z=2,36$; $p=0,02$) existem associações significativas entre FEds e a localização do 1º defesa no corredor central e setor médio defensivo (D6). FEds tem, de igual forma, relações com a localização do 2º defesa no corredor central e setor médio ofensivo (I9) em *Lag -2* ($z=2,13$; $p=0,03$), a localização do 3º defesa no corredor central e setor médio defensivo (T6) em *Lag -3* ($z=2,39$; $p=0,02$) e a localização do mesmo no corredor central e setor médio ofensivo (T9) em *Lag -5* ($z=3,12$; $p<,01$). FEds*Tf e a localização do 3º defesa no corredor direito, setor defensivo e médio defensivo (T4) têm associações em *Lag 0* ($z=3,94$; $p<,01$) e FEds*Tth com a subfase de atrasar o ataque (TSaa) em *Lag -1* ($z=2,55$; $p=0,01$) e *Lag -5* ($z=2,45$ e $p=0,01$).

No que se refere ao final da fase defensiva por erro do portador da bola (FEep), este possui relações significativas em *Lag 0* com a localização do 3º defesa no corredor e setor defensivo T5 ($z=2,62$; $p=0,01$), B6 ($z=2,52$; $p=0,01$) e DTel ($z=3,60$; $p<,01$), sendo que este último tem igualmente relações com o o final da fase defensiva por erro do portador da bola adversário de qualidade de nível 3 (FEep*Tth) ($z=3,79$; $p<,01$). FEep tem associações significativas também com I6 em *Lag 0* ($z=2,73$; $p=0,01$) e *Lag -1* ($z=3,42$; $p<,01$), D6 em *Lag 0* ($z=2,11$; $p=0,04$) e *Lag -2* ($z=2,17$; $p=0,03$) e com I9 em *Lag -2* ($z=2,04$; $p=0,04$).

Em relação ao final da fase defensiva por interceção (FEi) e o mesmo frente a adversários de qualidade de nível 4 (FEi*Tf), existem relações significativas em *Lag 0* com B5 ($z=3,83$; $p<,01$ e $z=2,56$; $p=0,01$, respetivamente). A marcação ao homem por parte do 3º defesa (DTmh) tem associações com FEi e FEi*Tf em *Lag 0* ($z=2,54$; $p=0,01$) e *Lag -1* ($z=3,87$; $p<,01$), respetivamente. D5 tem relações estatisticamente significativas com FEi ($z=3,68$; $p<,01$), FEi *Tf ($z=2,42$; $p=0,02$) e frente a adversários de

qualidade de nível 3 (FEi*Tth) ($z=2,7$; $p=0,01$), todas em *Lag 0*. Foram encontradas igualmente relações de FEi com a marcação ao homem por parte do 2º defesa (Dlmh) ($z=2,11$; $p=0,04$) e D6 ($z=2,02$; $p=0,04$) em *Lag 0*, com SPr ($z=3,33$; $p=<,01$) em *Lag -1*, com T9 em *Lag -1* ($z=2,29$; $p=0,02$) e *Lag -2* ($z=2,23$; $p=0,03$) e com I9 ($z=2,95$; $p=<,01$) no *Lag -1*. FEi*Tf tem associações com T4 ($z=2,49$; $p=0,01$) em *Lag -5*, B7 ($z=2,12$; $p=0,03$) em *Lag -1* e a cobertura zonal com marcação ao homem por parte do 3º defesa (DTcz) ($z=2,12$; $p=0,03$) também em *Lag -1*. A cobertura zonal com marcação ao homem por parte do 2º defesa (Dlcz) tem relações com FEi*Tth em *Lag 0* ($z=2,13$; $p=0,03$).

No que concerne ao final da fase defensiva por infração às leis (FEil) existem associações significativas com I4 ($z=2,36$; $p=0,02$) em *Lag 0*. Pi possui relações com FEil no *Lag 0* ($z=4,57$; $p=<,01$) e *Lag -1* ($z=4,73$; $p=<,01$), frente a adversários de qualidade de nível 4 (FEil*Tf) em *Lag -1* ($z=3,01$; $p=<,01$) e de nível 3 (FEil*Tth) em *Lag 0* ($z=2,97$; $p=<,01$). Foram registadas relações também de FEil com B4 no *Lag 0* ($z=2,79$; $p=0,01$) e FEil*Tth ($z=2,42$; $p=0,02$) em *Lag 0* igualmente. FEil*Tf registou associações significativas com DTel ($z=2,72$; $p=0,02$) em *Lag -1* e DTet ($z=2,04$; $p=0,04$) em *Lag 0*. FEil*Tth possui relações com DTmh em *Lag -1* ($z=2,58$; $p=0,02$), D4 ($z=2,02$; $p=0,04$) em *Lag 0* e a localização do defesa direto no corredor central e setor ofensivo (D9) ($z=2,48$; $p=0,01$) em *Lag -1*.

Relativamente ao final da fase defensiva por técnica do guarda-redes (FEtg), possui relações em exclusivo no *Lag 0* com DTmh ($z=3,15$; $p=<,01$) e a localização da bola no corredor central e setor ultradefensivo (B2) ($z=11,88$; $p=<,01$). Em *Lag -1*, existem relações exclusivas com: (1) TSce ($z=2,08$; $p=0,04$); (2) a tentativa de recuperação da bola por parte do 1º defesa (DDtr), ($z=2,37$; $p=0,02$); (3) D5 ($z=3,53$; $p=<,01$) e (4) B5 ($z=4,04$; $p=<,01$). Existem, também, associações de FEtg com a superioridade numérica relativa (Pr) em *Lag 0* ($z=4,96$; $p=<,01$) e *Lag -1* ($z=2,12$; $p=0,03$), com a localização do 3º defesa no corredor central e setor ultradefensivo (T2) em *Lag 0* ($z=9,32$; $p=<,01$), *Lag -1* ($z=5,47$; $p=<,01$) e *Lag -2* ($z=2,25$; $p=0,02$), com a localização do 2º defesa no mesmo espaço do anterior (I2) em *Lag 0* ($z=10,22$; $p=<,01$) e *Lag -1* ($z=4,93$; $p=<,01$), com a localização do 1º defesa no mesmo local dos dois anteriores (D2)

em *Lag 0* ($z=11,48$; $p=<,01$) e *Lag -1* ($z=3,37$; $p=<,01$), I5 em *Lag -1* ($z=2,8$; $p=<,01$) e *Lag -2* ($z=2,24$; $p=0,03$) e com a localização do 3º defesa no corredor central e setor defensivo (T5) em *Lag -2* ($z=2,56$; $p=0,01$) e em *Lag -3* ($z=2,35$; $p=0,02$).

Finalmente, em relação ao final da fase defensiva por remate desenquadrado com a baliza (Flrf), este tem associações estatisticamente significativas com Pr em *Lag 0* ($z=3,18$; $p=<,01$) e *Lag -1* ($z=3,85$; $p=<,01$), T2 em *Lag 0* ($z=7,96$; $p=<,01$), *Lag -1* ($z=5,57$; $p=<,01$) e *Lag -2* ($z=4,74$; $p=<,01$), I2 em *Lag 0* ($z=7,96$; $p=<,01$) e *Lag -1* ($z=6,53$; $p=<,01$), D2 em *Lag 0* ($z=9,54$; $p=<,01$) e *Lag -1* ($z=7,54$; $p=<,01$), B2 em *Lag 0* ($z=9,42$; $p=<,01$), T5 em *Lag -1* ($z=5,06$; $p=<,01$), *Lag -2* ($z=4,92$; $p=<,01$), *Lag -3* ($z=3,33$; $p=<,01$) e *Lag -4* ($z=3,03$; $p=<,01$), I5 em *Lag -1* ($z=5,54$; $p=<,01$) e *Lag -2* ($z=3,99$; $p=<,01$), DDtr em *Lag -1* ($z=3,25$; $p=<,01$), D5 em *Lag -1* ($z=6,22$; $p=<,01$), *Lag -2* ($z=5,13$; $p=<,01$) e *Lag -4* ($z=2,37$; $p=0,02$) e com D5 em *Lag -1* ($z=6,01$; $p=<,01$) e *Lag -2* ($z=6,27$; $p=<,01$).

De salientar que não foram encontradas relações estatisticamente significativas de nenhuma das vertentes em correspondência com o final da fase defensiva por remate bloqueado (FErb), final da fase de defensiva por fora de jogo (FEfj), final da fase defensiva por conceder remate à baliza (Flrb) e final da fase defensiva por golo sofrido (Flg), tal como os tipos de adversário To (qualidade de nível 1) e Tt (qualidade de nível 2).

3.2.3.1. Análise dos Resultados

Relativamente a FE_{da}, verifica-se que existem resultados que se conjugam e que se percebe que são comuns. Comprova-se que há uma boa associação entre o FE_{da} e a zona 7 do campo, ou seja, no corredor direito e setores médio e médio defensivo. As zonas 5, 6 e 9 também apresentam relações positivas com FE_{da}, sendo que os comportamentos defensivos mais adotados foram os de fechar o espaço longitudinal por parte do defesa indireto e terceiro defesa e a cobertura do defesa indireto.

Em FE_{ds}, existem associações muito forte com a zona 6, isto é, a zona central e setor médio defensivo, sendo os comportamentos mais associados a este tipo de final da fase defensiva são DD_{mh} e DD_{cp}, o que faz sentido, pois são dois comportamentos que exigem pressão forte no adversário. As zonas 4 e 9 também relações com este tipo de final da fase defensiva. Em relação a FE_{ds}*T_f, apresenta relações significativas com o corredor esquerdo e setores defensivo e médio defensivo, na zona 4 do terreno, tal com com FE_{ds}. A zona 4 também apresenta relações com FE_{ds}*T_{th}, do qual o comportamento associado é DD_{mh}.

Em relação a FE_{ep} e FE_{ep}*T_{th} o comportamento com relação significativa é DT_{el}, o que faz sentido, porque o erro do portador da bola adversário é muitas associado a passes errados, nomeadamente passes longos. A zona 6 (corredor central e setor médio defensivo) é a zona mais associada a FE_{ep}.

DI_{mh} e DT_{mh} são os comportamentos defensivos associados de forma significativa com FE_i, sendo que o segundo comportamento também se relaciona com FE_i*T_f. A zona mais associada com FE_i, FE_i*T_f e FE_i*T_{th} é a zona 5, ou seja, no corredor central e setor defensivo. A zona 9 (corredor central e setor médio ofensivo) associa-se igualmente a FE_i. A cobertura zonal com marcação ao homem por parte do terceiro defesa (DT_{cz}) e defesa indireto (DI_{cz}) estão associadas com FE_i*T_f e FE_i*T_{th}, de forma respetiva.

Relativamente a FE_{il}, FE_{il}*T_f e FE_{il}*T_{th}, a zona 4 (corredor e setores defensivo e médio defensivo) é a mais associada, sendo que a igualdade numérica com pressão sobre o adversário está, igualmente relacionada. Em FE_i*T_f, a DT_{el} e DT_{et} são os comportamentos relacionados de forma significativa e em FE_i*T_{th} o comportamento significativamente associado é DT_{mh}, ou seja, as ações executadas pelo terceiro defesa foram determinantes para o desfecho da fase defensiva por infração às leis.

Em relação a FE_{tg}, existe uma grande relação com as zonas 2 (corredor esquerdo e setor ultradefensivo) e zonas 5 (corredor central e setor defensivo), zona esta de maior número de remates por parte das equipas adversárias. Os comportamentos associados com esta fase final da defesa são DT_{mh} e DD_{tr},

ação esta executada pelo defesa direto para tentar impedir remates do adversário.

Flrf possui, da mesma forma que FEtg possui relações extremamente significativas com as zonas 2 e 5 do terreno de jogo. Igualmente como no comportamento referido no parágrafo anterior, o comportamento DDtr está associado com Flrf. DTel foi outro comportamento associado com este final de fase defensiva, sendo que tanto com Flrf e FEtg superioridade numérica relativa dos Sub-17 do BFC, SAD está inteiramente associado com estes comportamentos.

3.2.4. Discussão

De um modo geral, verificou-se muitas associações com o final da fase defensiva com os setores defensivo e médio defensivo, o que vai de acordo com o que foi estudado por Maleki et al. (2015), quando estudaram a frequência de recuperação de bola por parte dos semifinalistas do Campeonato de Mundo FIFA 2014, sendo que a maior parte das recuperações foram feitas, exatamente nas zonas defensiva e média defensivas das equipas, o que segundo os mesmos autores (2015) está inteiramente associado com o futebol moderno. Demonstraram que a consistência da recuperação da posse de bola durante períodos de tempo de um jogo e durante todo o torneio foi um indicador de sucesso nas equipas analisadas, apesar deste mesmo sucesso só se for distribuído por todas as zonas do campo.

Barreira et al. (2014), realizaram um estudo semelhante anteriormente, quando estudaram os padrões de recuperação da posse de bola nos jogos dos semifinalistas do Campeonato do Mundo FIFA 2010, tendo em conta a fase da competição, as zonas do campo e as equipas observadas e verificar a diferença entre equipas. Foi verificado que a interceção e o desarme a seguir a um passe, foram os comportamentos mais adotados na fase a eliminar da competição. Estes comportamentos evidenciaram-se igualmente no presente estudo deste relatório. Tal como no estudo feito por Maleki et al. (2015), demonstrou-se que o

maior número de recuperações de bola foi feito nas zonas defensivas e média defensivas do terreno de jogo, destacando-se assim das demais zonas do campo, sendo que a recuperação de bola direta evidenciou-se mais do que a indireta.

Num estudo realizado por Santos et al. (2017), avaliou-se o impacto de 3 definições diferentes de recuperação da posse de bola em relação à frequência da mesma e zona de recuperação. O estudo incluiu 12 primeiras partes de jogos da Liga Espanhola e operou segundo as seguintes definições: (1) existe recuperação da posse de bola se um jogador tocar na bola após um toque do adversário, mesmo que a bola vá para fora; (2) existe recuperação da posse de bola se um jogador der 3 toques consecutivos na bola, se executar um passe positivo ou se fizer um remate, sendo que o guarda-redes agarrar a bola é uma exceção, e (3) existe recuperação da posse de bola segundo os mesmo critérios do ponto (2) à exceção de que um jogador tem de dar 2 toques consecutivos e não 3. Foi demonstrado que existiram diferenças consoante o tipo de definição, sendo que a definição 1 foi a mais generalizada dada a sua simplicidade e por retratar situações que não são recuperações de bola ativas, A definição 2, ou seja, a utilizada por Garganta (1997), foi a menos utilizada, sendo que não existiram diferenças significativas entre esta definição e a definição 3-

A análise realizada neste trabalho em muito se assemelha ao realizado por Fernandes (2017), quando este analisou os padrões de recuperação de bola por parte dos semifinalistas do Campeonato do Mundo FIFA 2014. Neste trabalho, identificou-se padrões específicos de recuperação da posse de bola em cada uma das equipas semifinalistas, em relação ao resultado do jogo, partes do jogo e qualidade do oponente. No presente trabalho foi realizada uma análise geral e, mais especificamente, em relação à qualidade dos adversários.

3.2.5. Conclusões

O maior ponto fraco deste estudo foi o facto de não ter sido de todo possível filmar os jogos com uma câmara aérea, o que permitia visualizar o campo e perceber melhor as distâncias e zonas do campo

Neste estudo, verifica-se que existiram de facto comportamentos padrão nos jogos analisados. É possível verificar que grande parte dos finais de fase defensiva estão associados com os setores defensivos e médio defensivo da equipa analisada. Verificou-se também, que a marcação ao homem e fecho dos espaços longitudinais foram os comportamentos mais observados nos jogos estudados

Verificou-se, também, uma enorme associação entre os finais da fase defensiva por técnica do guarda-redes (FEtg) e remates desenquadrados com a baliza (Flrf), sendo que as zonas do campo são todas em comum e os comportamentos verificados são bastante semelhantes.

Finalmente, realçar que todos os comportamentos correspondentes aos tipos de final da fase defensiva estão de acordo com o esperado, ou seja, a prevalência de resultados relacionados com a qualidade dos adversários de nível 3 e 4, devido ao maior número dos mesmo na análise, sendo estes os tipos de adversários de grau de dificuldade mais elevada. De referir que todos as componentes com associações significativas tinham pelo menos um tipo de *Lag*.

O instrumento SOC-DEF foi somente utilizado duas vezes, pelo que deverá ser utilizado com maior frequência para efeitos futuros, por ser de extrema viabilidade.

CAPÍTULO IV

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

3. Desenvolvimento Profissional

A realização deste estágio permitiu-me vivenciar experiências engrandecedoras, que possibilitaram o meu crescimento enquanto treinador de Futebol, em que tive a oportunidade de potenciar competências adquiridas em anos anteriores, tal como aprender novas capacidades, que até então pouco ou nada tinha aprendido, e que me proporcionou novas experiências.

Começando desde logo pela primeira experiência nova: o facto de poder trabalhar numa equipa que participava na maior competição nacional de futebol em Portugal no escalão de Sub-17. Por um lado, vinha de uma experiência no ano anterior com este mesmo escalão, como treinador adjunto no Sport Comércio e Salgueiros, o que me permitiu entrar para este estágio algumas noções de como abordar jogadores que se encontram nesta faixa etária. Apesar disso encontrei um grupo de trabalho que não era fácil de gerir, dado que revelou alguma imaturidade e em algumas circunstâncias, na fase inicial da época, sentia que não me respeitavam totalmente, muito devido à minha aparência. Contudo, com o passar do tempo, isso foi mudando e os jogadores mudaram a sua atitude comigo. Por outro lado, tal como referi no início deste parágrafo, o facto da equipa participar no Campeonato Nacional de Sub-17 fez com que a minha ansiedade no início fosse um pouco maior do que era esperado, tendo eu revelado na primeira sessão de treino algum nervosismo. Contudo, após essa sessão, no período preparatório, o nervosismo e a ansiedade foram dando lugar à tranquilidade, o que me permitiu estar mais à vontade e predisposto para o treino.

Uma boa contribuição para ter melhorado este aspeto foi o facto de o treinador principal ter-me colocado à vontade para ajudar no que fosse necessário dentro do contexto de treino, apesar de eu ter estado inserido numa equipa técnica quantitativamente bem constituída e que já tinha trabalhado junta na época 2016/2017. Tive de me adaptar a uma metodologia de treino, ideia e modelo de jogos diferentes do que tinha vivenciado, fazendo com que estivesse mais à vontade para poder instruir os jogadores quando necessário durante e

depois dos exercícios, uma vez que as explicações dos mesmos antes da sua realização eram dadas ou pelo treinador principal ou por um dos adjuntos, dependendo se o grupo estaria dividido em dois tipos de trabalho. Neste caso, eu juntava-me com um dos adjuntos para ajudar no exercício de treino a que nos era destinado, em que aí consegui desenvolver mais tranquilidade, para quando ocorresse a realização de um exercício onde a equipa técnica estava toda junta pudesse estar mais capacitado para poder instruir os jogadores quando necessário. Também, quando num exercício ficavam jogadores de fora, a minha pessoa ficava responsável por esses jogadores, tendo alguma liberdade para fazer algum tipo de exercício que os mantivesse ativos até entrarem no exercício. Nomeadamente, eu recorria a exercícios de posse de bola ou exercícios de prevenção de lesões, maioritariamente, propriocepção

Outro aspeto que se pretende realçar, é o facto de nas primeiras semanas eu utilizar um bloco de notas para apontar tudo o que se fazia nos treinos, com a respetiva reflexão sobre os mesmos. Este aspeto não agradou muito ao treinador principal, o que fez com que este tivesse uma conversa em particular comigo para eu deixar o bloco de notas. Ora isto acabou por ser uma ajuda para mim pois obrigou-me a estar mais concentrado nos exercícios e a fazer a minha reflexão ao nível mental, ao invés da escrita. De facto, obrigar à reflexão crítica ao nível mental fez com que melhorasse a minha proximidade com os jogadores, pois fez com que os instruisse mais, e também com a equipa técnica, fazendo houvesse uma partilha sobre o que achávamos que estava a ocorrer nos exercícios, sendo que estas reflexões eram feitas durante e após os exercícios.

Um aspeto menos positivo durante este estágio, resume-se ao facto de muitas vezes termos tido pouco material à disposição nomeadamente para a realização do aquecimento antes do treino e da realização do trabalho de força no final do mesmo, no qual a minha pessoa era o responsável. Nessas alturas, era necessário apelar à imaginação e mudar tudo o que era planeado para a construção dessas tarefas. Felizmente, na minha opinião, tudo foi resolvido da melhor e conseguiu-se potenciar os jogadores nestas vertentes, apesar desse pequeno contratempo que nos obrigava a mudar as coisas.

Durante este estágio houve um aspeto que me fez ter opiniões completamente distintas: o facto de não poder ir para o banco, dado que havia um número limite de elementos da equipa técnica para estarem na ficha de jogo. Por um lado, o simples facto de não estar presente no banco não me agradou muito numa primeira fase, pois queria ajudar a equipa ao máximo estando mais perto dela durante os jogos. Com isso, foi-me inculcada a responsabilidade de filmar todos os jogos da equipa, o que me fez ajudar a equipa técnica, dando a minha opinião sobre o jogo no intervalo e no fim dos jogos. Este aspeto acabou por revelar-se bastante positivo para mim, uma vez que permitiu que tivesse uma visão do campo inteiro e visualizasse mais ações decorrentes do jogo, o que fez com que fosse uma ajuda para a equipa técnica nos intervalos dos jogos, onde nos reuníamos para falar sobre o jogo e em que eu expunha o que vi de lado de fora e realçar aspetos a melhorar, antes do treinador principal falar com os jogadores antes de voltarem para a segunda parte.

Felizmente, tive a oportunidade de estar por uma vez a orientar a equipa numa altura em que havia terminado a primeira fase do Campeonato Nacional de Juniores B. Para dar ritmo competitivo numa altura em que a equipa necessitava de jogos para se preparar para a segunda fase do campeonato, foi solicitado ao treinador dos Sub-18 B do Boavista Futebol Clube, para que a nossa equipa realizasse um jogo por essa equipa. Este foi concedido e a nossa equipa realizou um jogo a contar para a 2ª Divisão Distrital de Sub-19 da Associação de Futebol de Porto contra o Ramaldense Futebol Clube. Visto que a minha pessoa não poderia ser inscrita na Federação Portuguesa de Futebol para estar no banco nos jogos do nosso campeonato, fui inscrito na Associação de Futebol do Porto, e como tal pude ir para o banco nesse jogo frente ao Ramaldense. Acrescentando, no último treino antes do jogo, o treinador principal conversou comigo em particular e revelou que ia ser eu a orientar a equipa nesse jogo, estando o treinador principal apenas no banco para supervisionar e observar o meu comportamento. Confesso que fiquei um pouco nervoso com esta revelação, pois ia ser a primeira vez que ia orientar de forma autónoma uma equipa de Futebol de 11, mas ao mesmo tempo estava feliz pelo desafio, pois era algo ambicionava há algum tempo. Antes do jogo o treinador transmitiu-me

confiança e isso deu-me tranquilidade para encarar o desafio. Com o decorrer do jogo revelei-me mais calmo e conseguia transmitir as ideias que queríamos aos jogadores. Apesar de termos vencido o jogo por 3-1, não foi o melhor jogo da equipa, uma vez que esta se revelou um pouco apática e não valorizou o suficiente o adversário, muito derivado ao nível de jogo apresentado pelo mesmo. Apesar disso, este jogo ficará para sempre marcado para mim, pois foi o primeiro jogo em que orientei uma equipa de Futebol de 11 e num clube com grande prestígio como é o Boavista Futebol Clube.

Para além disto, ao longo deste ano fui aumentando o meu interesse pela análise de jogo. Por isso, realizou-se um estudo em que se analisou os comportamentos defensivos da equipa em 10 jogos do Campeonato Nacional de Juniores B. Apesar da realização deste estudo e da revisão de literatura intensiva sobre o tema para a consecução do mesmo, senti que me faltava algo para que meu nível de aprendizagem em relação à análise de jogo incrementasse da forma que eu idealizei no início da época. Por isso, recorri aos adjuntos da equipa técnica dos Sub-17 para me ajudarem nessa vertente, uma vez que eram estes os responsáveis pela análise dos jogos da equipa na época anterior. Foi possível ver a forma como analisavam o jogo e que ferramenta utilizavam para tal, tirar todas as dúvidas que tinha, até ao ponto que, se me fosse autorizado, estava pronto para poder analisar de forma autónoma os jogos da equipa. Apesar de não participar diretamente na análise e de não apresentar os vídeos aos jogadores antes e depois dos jogos, revelou-se uma enorme aprendizagem e fez de mim uma pessoa capaz de poder analisar um jogo de futebol com mais qualidade.

Em suma, este ano de estágio nos Sub-17 do Boavista Futebol Clube, SAD, tal como referi anteriormente, revelou-se bastante enriquecedor para mim e permitiu-me potenciar e desenvolver novas capacidades, fazendo com que crescesse enquanto treinador e homem. Deste modo, acredito que estar mais preparado do que início deste estágio para abraçar qualquer desafio como treinador, seja adjunto ou até principal, e como analista de jogo, pois é uma vertente pelo qual ganhei imenso gosto ao longo do meu mestrado.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

4. Conclusão

A cessação deste estágio marca também o fim do meu percurso como estudante na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, instituição pelo qual ganhei amor e respeito pelo seu prestígio e pela qualidade apresentada pelos seus professores nas suas aulas, para que os seus alunos saíssem sempre valorizados.

O ano de estágio profissionalizante no Boavista Futebol Clube, SAD mostrou ser uma experiência muito rica, pois permitiu-me evoluir imenso como treinador e homem. Permitiu-me desenvolver aprendizagens em aspetos que havia idealizado, como a minha autonomia e na vertente da análise de jogo, e noutros aspetos que foram novos para mim, como experienciar pela primeira vez a sensação de orientar uma equipa de Futebol de 11 num jogo oficial e uma nova metodologia de treino e, conseqüente, modelo de jogo.

De facto, a vertente da análise foi um ponto importante na realização deste estágio, pois é algo que continua a alimentar o meu interesse, daí a realização do estudo dos comportamentos da equipa Sub-17 do BFC, SAD. A análise de jogo revela-se atualmente uma parte importante na consecução do trabalho de uma equipa técnica, em que, inclusive, existe um analista em várias equipas de Futebol em Portugal e no resto de mundo. Esta ferramenta mostra-se importante para a análise do adversário, permitindo saber os pontos fortes e fracos do mesmo, que podem ser explorados. Contudo, também tem sido utilizada para a análise da própria equipa, aspeto no qual fui percebendo que é tão importante de observar como analisar a equipa adversária. Analisando a nossa equipa, é possível verificar aspetos que correram bem durante o jogo, como também aspetos menos bons que podem ser corrigidos durante os treinos e melhorados para o jogo seguinte e para o resto da época. Por isso, a análise de jogo demonstra-se, como aspeto nuclear para a conceção de uma metodologia de treino e, conseqüente, modelo de jogo.

Apesar disso, nem tudo foi fácil. Ao longo da época foram algumas limitações que foram encontradas, que fizeram com que o trabalho fosse alterado em algumas alturas. A falta de material e alguns atrasos para o início do treino foram situações complicadas de gerir, o que fez com que fossemos obrigados a ter uma certa capacidade de adaptação dado que muitas das vezes o tempo de treino era reduzido, derivado a esses mesmos atrasos e falta de material. Para além disso, eu próprio deparei-me com circunstâncias que não me agradaram, nomeadamente não ter o respeito total de alguns jogadores na parte inicial da época. Contudo, eles foram percebendo a minha importância ao longo da época, pois era mais um ajudar a instruí-los, apesar do grau de responsabilidade na equipa técnica ter sido reduzido.

De referir que o estudo realizado, foi bastante útil para a minha aprendizagem. Para além disso, apesar da análise requerer algum tempo, penso será proveitoso para qualquer equipa técnica utilizar como ferramenta para analisar a própria equipa na fase defensiva. Por isso, sugiro que a ferramenta SOC-DEF possa ser utilizada por equipas técnicas para as ajudar no seu trabalho e, conseqüentemente, melhorar ideias relacionadas com o seu modelo de jogo, neste caso no processo defensivo.

Para concluir, de referir mais uma vez que foi um ano muito bom em termos de aprendizagem e que me permitiram crescer em muitos aspetos. Saio da FADEUP com o sentimento de dever cumprido e da concretização de um sonho que há muito tempo ansiava. Graças, igualmente, ao estágio no BFC, SAD, encaro o futuro no Futebol com mais confiança no meu trabalho, estando preparado de melhor forma para enfrentar qualquer desafio, seja como treinador adjunto, analista de jogo, ou até treinador principal, apesar deste último não fazer parte dos meus planos a curto prazo. Não vou criar muitas expectativas em relação a futuros desafios, mas sinto-me mais competente para o futuro que vem.

CAPÍTULO VI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5. Referências Bibliográficas

- Agostinho, F. (2017). A importância da formação e da continuidade! , disponível em <https://www.futeboldeformacao.pt/2017/02/26/a-importancia-da-formacao-e-da-continuidade/>
- Amaral, R. (2004). *A modelação do jogo em futsal : análise sequencial do 1x1 no processo ofensivo*. Porto: Rui Amaral. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Anguera, M. (2005). Registro y análisis de datos al servicio de la comprensión de la complejidad en deportes de equipo. In C. L. RA (Ed.), *Deportes de equipo: comprender la complejidad para elevar el rendimiento* (pp. 127-142). Barcelona: INDE.
- Araújo, J. (1994). *Ser treinador*. Lisboa: Caminho.
- Araújo, J. (1995). *Manual do treinador do desporto profissional*. Porto: Campo das letras.
- Araújo, M. G., J. (2002). Do modelo de jogo do treinador ao jogo praticado pela equipa : um estudo sobre o contra-ataque, em futebol de alto rendimento. In *A investigação em futebol: estudos ibéricos* (pp. 161-168).
- Bakeman, R., & Quera, V. (1996). *Análisis de la interacción: Análisis secuencial con SDIS y GSEQ*. Madrid: Ra-Ma.
- Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em futebol: análise sequencial de padrões de jogo relativos ao campeonato português 2004/05*. Porto: Daniel Barreira: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Barreira, D. (2012). Observação e análise de jogo : uma arte? : um jovem estudioso no ensino do futebol. *Treino Científico*, pp. 11-12.
- Barreira, D., Garganta, J., Guimarães, P., Machado, J. & Anguera, M.T. (2014). Ball recovery patterns as a performance indicator in elite soccer. *Journal of Sports Engineering and Technology*, 228(1), 61-72.

- Brassard, F., Espinha, P., & Roma, P. (2016). *O Treino de Guarda-Redes: Esquemas táticos defensivos e ofensivos*. FPF. Relatório de Estágio apresentado a
- Campos, C. (2008). *A Justificação da periodização tática como uma fenomenotécnica : a singularidade da intervenção do treinador como a sua impressão digital*. Vigo: MCSports.
- Carling, C., Williams A. M. & Reilly T. (2005). *The handbook of soccer match analysis : a systematic approach to improving performance*. London: Routledge.
- Carvalhal, C. (2000). *As coisas duma "mecânica silenciada" (mas, não silenciosa) ou... A recuperação no futebol de rendimento superior uma (des)abstracção*. Porto Carlos Carvalhal. Dissertação de Licenciatura apresentada a FCDEF-UP.
- Casáis, L. (2009). *Fútbol base : el entrenamiento en categorías de formación* (Vol. 1). Tuy: Mcsports.
- Castelo, J. (1996). *Futebol: A organização do jogo: Como entender a organização dinâmica de uma equipa de futebol e a partir desta compreensão como melhorar o rendimento e a direcção dos jogadores e da equipa*. S. l.: Jorge Castelo.
- Chaves, D. F. d. S. (2015). *A especificidade do Futebol: um clube, duas realidades distintas*. Porto: Daniel Chaves. Relatório de Estágio apresentado a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Constantino, J. M. (2002). *Um Novo rumo para o desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Fernandes, J. (2004). *O processo de formação de jogadores de futebol na ilha de São Miguel (Açores): que realidade?* Porto: João Fernandes. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Fernandes, T. (2017). *Análise da performance tático-técnica no futebol de alto rendimento : estudo dos padrões sequenciais da fase defensiva e transição ataque-defesa das equipa semifinalistas do Campeonato do*

- Mundo FIFA 2014*. Porto Tiago Fernandes. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Florenzano, J. P. (1998). *Afonso e Edmundo : a rebeldia do futebol brasileiro*. São Paulo: Musa.
 - Gabin, B., Camerino, O., Anguera, M.T. & Castañer, M. (2012). Lince: Multiplatform Sport Analysis Software. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 46, 4692-4694.
 - Garganta, J. (1997). *Modelação táctica no jogo de Futebol: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: Júlio Garganta. Dissertação de Doutoramento apresentada a FCDEF-UP.
 - Garganta, J. (1998). Tactical modelling in soccer : a critical view. In *Notational Analysis of Sport IV* (pp. 33-40).
 - Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos : revisão acerca da análise de jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, pp. 57-64.
 - Garganta, J., Oliveira, J. & Murad, M. (2004). *Futebol de muitas cores e sabores : reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto: Campo das letras.
 - Gomes, D. (2009). *Alguns pressupostos determinantes na formação do jovem desportista*. Porto: Daniel Gomes. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
 - Gonçalves, R. (2011). Conceptualização do modelo de jogo no futebol : estudo efectuado com treinadores com o curso de nível IV. *3º Congresso Internacional de Jogos Desportivos. Jogos desportivos colectivos : Treino, Formação, Performance*, p. 60.
 - Lago, C., & Martín, R. (2007). Determinants of possession of the ball in soccer *Journal of Sports Sciences*, 25(9), 969-974.
 - Leal, M., & Quinta, R. (2001). *O treino no futebol: Uma conceção para a formação*. Braga: Edições APPACDM.
 - Leitão, P. (2012). Aspectos Globais de um Plano de Desenvolvimento do Jogador de Futebol. *Treino Científico*, p. 8.

- Lisboa, A. d. C. d. (2001a). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (Vol. 2). Lisboa: Verbo.
- Lisboa, A. d. C. d. (2001b). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (Vol. 1). Lisboa: Verbo.
- Loureiro, F. (2007). *Escolas de Futebol?: que preocupações?* Porto: Fernando Loureiro. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Maciel, J. (2011). *Não o deixes matar: o bom futebol e quem o joga (pelo futebol adentro não é perda de tempo!)*. Porto: Chiado Editora.
- Maleki, M., Dadkhah, K., & Alahvisi, F. (2015). Ball Recovery Consistency as a Performance Indicator in Elite Soccer. *Revista brasileira de Cineantropometria Humana*, 18(1), 72-81.
- Mendes, Â. (2009). *Perfil do treinador de futebol de formação: estudo da percepção de treinadores acerca das características de excelência*. Porto: Ângela Mendes. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mesquita, I. (1997). *Pedagogia do treino: A formação em jogos desportivos coletivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mesquita, I. (2016). *Investigação na formação de treinadores : identidade profissional e aprendizagem*. Porto : Isabel Mesquita.
- Moita, M. (2008). *Um percurso de sucesso na formação de jogadores em futebol: estudo realizado no Sporting Clube de Portugal - Academia Sporting-Puma*. Porto: Miguel Moita. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Moreira, L. (2015). *A excelência formativa na procura do alto rendimento: uma época desportiva nos sub-14 da Dragon Force Porto*. Porto: Luís Moreira. Relatório de Estágio apresentado a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Normas e orientações para a redacção e apresentação de dissertações e relatórios. (2009). 3.
- Oliveira, J. G. (2004). *Conhecimento específico em futebol : contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-*

- aprendizagem-treino do jogo*. Porto: José Guilherme Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada a FCDEF-UP.
- Oliveira, J. G. (2011). Construir uma forma de jogar no futebol. In *3º Congresso Internacional dos Jogos Desportivos, Jogos Desportivos Colectivos : Treino, Formação, Performance* (pp. 21).
 - Pacheco, R. (2001). *O ensino do futebol : futebol de 7, um jogo de iniciação ao futebol de 11*. Porto: R. Pacheco.
 - Pereira L. & Garganta, J. (2007). Modelo de jogo ideal "versus" modelo de jogo real, em futebol. Estudo das percepções de treinadores da Região Autónoma da Madeira. In *Olhares e contextos da performance: da iniciação ao rendimento* (pp. 56-57).
 - Ribeiro, P. (2008). *Do modelo e concepção de jogo à análise da performance no futebol : o treino enquanto indutor da operacionalização de um modo de jogar específico : estudo de caso na equipa de sub-19 do Futebol Clube do Porto*. Porto Pedro Ribeiro. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
 - Rosado, A., Sarmiento P. & Rodrigues J. (2000). *Formação de treinadores desportivos*. Rio Maior: Instituto Politécnico de Santarém, Coleção Desporto.
 - Sánchez, F. (2015). *Qué esconde tu rival?* Espanha: FutbolDLibro.
 - Santos, P., Silva, P. M., & Lago-Peñas, C. (2017). The ball recovery as an action related performance indicator in Football – an example using distinct operational definitions. *Journal of Human Sport and Exercise*, 12(1), 96-105.
 - Sérgio, M. (2012). *Filosofia do Futebol* (4ª ed.): Prime Books.
 - Silva A., B. F. S., Garganta, J. & Anguera M.T. (2005). Patrones de juego en el fútbol de alto rendimiento : análisis secuencial del proceso ofensivo en el campeonato del mundo Corea-Jápon 2002. In *Cultura, Ciencia y Deporte* (Vol. 1, pp. 65-72).
 - Silva, P. (2006). *A análise do jogo em Futebol : Um estudo realizado em clubes da Liga Betandwin.com*. Lisboa FMH-UTL. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Motricidade Humana.

- Tamarit, X. (2007). *Qué es la "periodización táctica" : vivenciar el juego para condicionar el juego*. Tuy: Mcsports.
- Tamarit, X. (2013). *Periodización táctica vs periodización táctica* Editorial : MBF.
- Tamboer, J. (2016). *Football Theory : an action theoretical viewpoint on the game of football*. Amsterdam: World Football Academy.
- Teodorescu, L. (1984). *Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vázquez, Á. V. (2012). *Fútbol : del análisis del juego a la edición de informes técnicos*. Coruña: MCSports.
- Ventura, N. (2013). *Observar para ganhar : o scouting como ferramenta do treinador*. Carcavelos: PrimeBooks.
- Volossovitch, A. (2011). Da descrição para a predição, do estático para o dinâmico : Tendências da evolução da análise da performance nos jogos desportivos coletivos In *3º Congresso Internacional de Jogos Desportivos, Jogos Desportivos Colectivos : Treino, Formação, Performance* (pp. 18).

~

CAPÍTULO VII

ANEXOS

6. Anexos

Anexo A: Classificação Final da 1ª Fase do Campeonato Nacional de Juniores B 2017/2018, Série B

1ªFASE-SERIE B

Classificação		Jogos							
JORNADAS									
		4	5	6	7	8	9	10	11
POS		JGS	V	E	D	GM	GS	PTS	
1	Fc Porto Sad	11	11	0	0	53	1	33	
2	Boavista Sad	11	8	1	2	26	7	25	
3	A Academica C Oaf Sduq	11	7	3	1	21	10	24	
4	Anadia Fut. Clube	11	7	1	3	18	15	22	
5	Cd Feirense	11	6	2	3	13	8	20	
6	Cd Tondela	11	6	1	4	21	15	19	
7	Leixões Sc	11	4	1	6	14	17	13	
8	Padroense Fc	11	4	0	7	13	17	12	
9	Ad Taboeira	11	4	0	7	13	17	12	
10	Seia F C	11	2	2	7	10	27	8	
11	Acad. Coimbra / Sf	11	0	2	9	9	33	2	
12	Cracks C Lamego	11	0	1	10	4	48	1	

Fonte: <http://resultados.fpf.pt/Competition/Details?competitionId=13151>

Anexo B: Classificação Final da 2ª Fase do Campeonato Nacional de Juniores B, 2017/2018, Zona Norte

2ª.FASE-AP CAMP-SÉR.NORTE

Classificação		Jogos							
< JORNADAS >									
		7	8	9	10	11	12	13	14
POS		JGS	V	E	D	GM	GS	PTS	
1	Fc Porto Sad	14	10	4	0	32	9	34	
2	Sc Braga Sad	14	9	3	2	27	11	30	
3	Vitória Sc Sad	14	7	3	4	22	15	24	
4	Rio Ave Fc Sduq	14	7	2	5	15	19	23	
5	Boavista Sad	14	5	1	8	17	25	16	
6	A Academica C Oaf Sduq	14	4	2	8	16	21	14	
7	Anadia Fut. Clube	14	3	2	9	12	28	11	
8	Fc Paços Ferreira	14	1	3	10	8	21	6	

Fonte: <http://resultados.fpf.pt/Competition/Details?competitionId=13151>

Anexo C: Campo com zonas de pressão (sentido do ataque para a direita)



Fonte: Fernandes, T. (2017). *Análise da performance tático-técnica no futebol de alto rendimento : estudo dos padrões sequenciais da fase defensiva e transição ataque-defesa das equipa semifinalistas do Campeonato do Mundo FIFA 2014*. Porto Tiago Fernandes. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Anexo D: Campo com zonas de pressão (sentido do ataque para a esquerda)



Fonte: Fernandes, T. (2017). *Análise da performance tático-técnica no futebol de alto rendimento : estudo dos padrões sequenciais da fase defensiva e transição ataque-defesa das equipa semifinalistas do Campeonato do Mundo FIFA 2014*. Porto Tiago Fernandes. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.